

90c

92 27

PERSONAGENS

- Setgubi - advogado  
 - mulher dele  
 - irmã dele  
 - Vlas, irmão de Wátwata  
 - Piotr Iwanóvitch - engenheiro

BASSOV  
 WÁRWARA MIKHAILOVNA  
 CALÉRIA  
 TCHERNOV  
 SOUSLOV  
 YOLIA FILIPÓVNA  
 DOUKAKOV

OS VERANISTAS

- Gárlis Akimóvitch - médico  
 - mulher dele Mãe de Família

OLGA ALEX EÉVNA  
 CHALIMOV YAKOV PETRÓVITCH - escritor  
 RIUMINE

De Máximo Górkí

Tradução de Millôr Fernandes

- médica. Politizada  
 - tio de Souslov  
 - Nicolas Petróvitch - assistente de Bassov  
 - guarda  
 - guarda



Obs: faltam os nºs de página 41 e 58  
 mas o texto está completo.

P E R S O N A G E N S

BASSOV - Serguêi - advogado  
WÁRWARA MIKHAILOVNA - mulher dele  
CALÉRIA - irmã dele  
TCHERNOV - Vlas, irmão de Wárwara  
SOUSLOV - Piotr Ivanóvitch - engenheiro  
YOÚLIA FILIPPÓVNA - muler dele.  
DOUDAKOV - Cirilo Akimóvitch - médico  
OLGA ALEX EÉVNA - mulher dele Mãe de Família  
CHALIMOVV YAKOV PETRÓVITCH - escritor  
RIOUMINE - Pavel Serqueievitch (apaixonado por Wárwara)  
MARIA LWÓVNA - médica. Politizada  
DOUBLEPOINT Semione Semionóvitch - tio de Souslov  
ZAMYSLOV - Nicolas Petróvitch - assistente de Bassov  
POUSTOBAIKA - guarda  
KROPILKINE - guarda  
SACHA - governanta de Bassov

I - COMEÇO DE TARDE

CENA I

(Todos os veranistas estão sentados no terraço, "congelados"  
Kropilkine e Poustobaika limpam o jardim)

KROPILKINE - Quem foi que alugou a casa este ano?

POUSTOBAIKA - Não sei. E cada vez me interessa menos saber.

KROPILKINE - Ah, te interessa menos saber O que?

POUSTOBAIKA - Nada. São todos iguais. Os veranistas. Largam por aí toda a merda deles. Chegam, se acomodam, se enchem - de não fazer nada, e largam por aí essa merda toda.

KROPILKINE - Largam por aí que merda?

POUSTOBAIKA - Essa. Se a gente não toma cuidado acabam com a flores ta. Vira tudo uma montanha de bosta fedorenta.

KROPILKINE - Voce não sabe nem quem alugou a vila maior?

POUSTOBAIKA - Claro que sei. O advogado Bassov. A vila grande, a maior. Foi ele.

KROPILKINE - Bassov o que?

POUSTOBAIKA - Só isso.

KROPILKINE - E a casa pequena, lá detrás?

POUSTOBAIKA - Essa, o engenheiro Souslov.

KROPILKINE - Conhece ele?

POUSTOBAIKA - Claro que conheço. Mas não quero saber. Veranistas?

Tudo igual. Tudo patrão.

KROPILKINE - Tudo patrão, como?

POUSTOBAIKA - Isso mesmo.

CONVITE PARA O CHÁ

CENA 2

- WÁRWARA - Sacha!...Sacha!...Sacha!... Vlas, me faz um favor; pede a Sacha pra nos servir chá.
- VLAS - Os cavalheiros e as senhoras aqui presentes desejam chá.
- SACHA - Eu o farei bem depressa, o chá, e trarei logo, o chá.  
(Samyslov flerta com Youlia, junto a Souslov, que dorme. Souslov desperta. Youlia dança na gram).
- ZAMYSLOV - É um pecado que não tenha assistido nosso ensaio teatral, senhor Souslov. Sua mulher teve uma interpretação maravilhosa. Verdadeiramente fascinante.
- SOUSLOV - Eh! Toma cuidado, Zamyslov... Deus do céu, voce está se excedendo.
- ZAMYSLOV - Mas é realmente um talento extraordinário. Que me cortem a cabeça se não digo a verdade.
- SOUSLOV - Que a sua leviandade ainda vai lhe custar a cabeça não tenho a menor dúvida.
- ZAMYSLOV - Coração leviano, bolso vazio, enfim, uma existência fútil.
- SOUSLOV - Bolso vazio? Tenho lá minhas dúvidas...

CONVITE PARA A DISCUSSÃO LITERÁRIA

CENA 3

(Caléria e Chalimov numa mesa, no jardim)

CALÉRIA - Senhor Chalimov?

CHALIMOV - Pois não.

CALÉRIA - O que o senhor vem escrevendo ultimamente tem me agradado muito... Diz coisas tão ternas, tão melancólicas.

CHALIMOV - Eu lhe agradeço.

CALÉRIA - Até há pouco tempo o senhor escrevia muito diferente. Com muito mais realismo. O acúmulo de sugestões no plano sensual...

CHALIMOV - Diga!

CALÉRIA - Creio que agora se interessa mais pelos sentimentos dos outros, pelos seus desejos e dores secretas. Parece ter renunciado a qualquer descrição superficial, a todos os clichês unívocos...

CHALIMOV - Como a senhora me compreende bem...

DOUBLEPOINT - (Se aproxima e escuta) - Sabem por que jamais lerei Ressurreição, de Tolstoi? É que na minha fábrica eu tinha um empregado, um capataz extraordinariamente competente. Um dia ele leu Ressurreição, de Tolstoi, e ali mesmo, na hora! ficou completamente louco. Abandonou o emprego, largou mulher e filhos e começou, ele próprio, a escrever um romance. Durante quatro anos trabalhou como um possesso, escrevendo dia e noite e, no fim, percebeu que não tinha feito outra coisa senão botar no papel as recordações do que havia lido. É isso! ele tinha simplesmente reescrito a Ressurreição, de Tolstoi, naturalmente em estilo bem pior e com um sentido muito inferior. A mim me parece que estava sob o efeito de uma força demoníaca...

(CALÉRIA e CHALIMOV não reagem. Caléria se dirige a seu cavalete de pintura. Sacha entra com o samovar).

CENA 4

(Olga e Doudakov numa escrivania no terraço)

DOUDAKOV - Você não quer ir dar uma olhada nos ~~meninos~~?

OLGA - A empregada está lá.

DOUDAKOV - Pensei que a empregada estava de folga...

OLGA - O que? Ah, não, é amanhã; é amanhã que ela folga. Você tem um talento pra me assustar!

DOUDAKOV - Ontem de noite voce disse: "Amanhã".

OLGA - Foi hoje de manhã que eu disse: "Amanhã"

DOUDAKOV - Deus do céu ! Seja lá como fôr essa criada é uma prostituta. Você já reparou como o Wolka vive agarrado nela ?

OLGA - Não reparei. Acho que minha vista não anda boa. Cirilo, voce não gostaria de ir lá, voce mesmo, olhar as crianças ?

CENA 5

(Vlas está deitado no chão. Doublepoint se aproxima)

DOUBLEPOINT - E voce ? Voce tem o ar de que nunca fê amigo do trabalho. Acertei?

VLAS - Trabalho ? Hum, Pelo que sei o senhor entende como trabalho . A exploração e trituração dos seus semelhantes. Sob esse aspecto não exerce realmente nenhuma forma de trabalho.

DOUBLEPOINT - Ah, meu caro ! Basta esperar. Envelhecer. Sem pressa. Quando a pasta côr-de-rosa que voce tem no crâneo se transformar num cérebro você constatará o seguinte: só trepando nas costas do próximo se chega rapidamente à riqueza. Acredite-me.

VLAS - Stanislas, meu caro cunhado milionário.  
Não solta nunca um tostão, o argentário.  
Dorme numa estrebaria

VLAS - E ai está porque , milionário,  
Fede mais que um dromedário.

(Vlas se levanta e se senta aos pés de Maria Lwóvna)

DOUBLEPOUNT - Com os diabos, esse daí me acertou uma em cheia. Di-  
retíssima. Também , quem mandou ?

### CENA 6

(Sacha trás o chá a Bassov)

SACHA - Serguei, seu teimoso, por que não põe o casaco ? O ar  
está frio. Voce vai pegar um resfriado. Vou apanhar o  
teu casaco.

BASSOV - Não estou com frio. Não quero o casaco. Não estou com  
frio.

### CENA 7

(WÁRWARA lê, sentada numa cadeira de balanço. Rioumine está encosta-  
do no piano)

RIOUMINE - Ainda agora eu ia te dizer alguma coisa muito convincent-  
te... Infelizmente eu estava irritadíssima. Umavez mais  
... eu... Naturalmente voce ficou zangada...

WÁRWARA - Não porque voce estivesse irritado...

- Porque então ? (Se aproxima de Wárwara)

WÁRWARA - Que dias estranhos... As palavras podem nos petubar  
mais do que as pessoas. Voce não acha ? (Sem prestar a-  
tenção brinca com os cabelos dele. Rioumine tenta beijar  
a mão dela )

RIOUMINE - Depois das férias que passei na praia , junto aomar, des-  
cobri o enorme prazer de ficar calado. Ouço os barulhos

RIOUMINE - do infinito em : minha cabeça. E todas as palavras humanas submergem nessa música sem fim como gotas de chuva no oceano.

WÁRWARA - Oh, mas espera aí. Você fala que é uma maravilha...

BASSOV - (ao fundo) Eu vi o mar

E com meus olhos ávidos

Medi até onde iam

As fronteiras do visível;

Extenuando, a fronte inclinada pra o inconcebível.

Eu vi o mar... é.

RIOUMINE - Wária, crê em mim, a visão das vagas eternas cura os nossos ferimentos. No fundo você é, você também, uma criatura doente, ferida.

WÁRWARA - Ferida ? É, pode ser, Mas não doente.

### CENA 8

(Sacha entra com o casaco de Bassoov)

SACHA - Vamos ! Bota o casaco ! Levanta !

BASSOV - Eu não quero botar o casaco. Não estou com frio

SACHA - Não interessa se você está ou não com frio. A tarde está ficando fria, Tem que botar o casaco. Entendeu ?

(Enfia o casaco em Bassoov)

CENA 9

(Doublepoint e Souslov estão no jardim )

SOUSLOV - E então, quais são os seus projetos, se posso me permitir essa pergunta ?

DOUBLEPOINT - Não sei nada. Espero os seus conselhos, meu caro sobrinho.

SOUSLOV - É difícil de dizer assim, à : queima roupa.. Era preciso. nós dois pensarmos juntos.

DOUBLEPOINT - Em outras palavras: não quer acolher seu tio em sua casa, é isso ?

SOUSLOV - Eu não disse isso.

DOUBLEPOINT - Não. Não disse isso. Tudo resumido, voce nunca diz coisa nenhuma. Deus do céu ! Que bando de pessoas tediosas voces são aqui ! Nenhuma energia ! Nenhum prazer de viver , nenhum espírito de iniciativa , nada...

SOUSLOV - Eu ignoro totalmente o motivo do senhor se satir obrigado a participar de tal horror.

DOUBLEPOINT - É. Tem razão. É ridículo. Afinal eu sou apenas um trapo velho, inútil. Sempre tive um temperamento muito diferente do teu.

CENA 10

(Zamyslov e Yoúlis tocam piano a quatro mãos. Wárwara se junta a eles)

WÁRWARA - O senhor provoca muitos comentários a seu respeito , senhor Zamyslov. Não estará exagerando ?

ZAMYSLOV - Acho que essa á a marca que distingue o homem excepcional, Wárwara Mikhailóvna.

WÁRWARA - Quer dizer; o senhor tem prazer em provocar pequenos escândalos...

- ZAMYSLOV - Desculpe. - fala de mim como advogado, como artista eu ...
- WÁRWARA - E além disso, me dizem , parece que também tem muita sorte no jogo. É verdade ?
- SOUSLOV - Exato ! Ontem de noite, no clube, limpou completamente um comerciante bêbado.
- ZAMYSLOV - "Limpar" se diz de um trapaceiro. A meu respeito convém dizer ganhar . Eu o ganhei , pura e simplesmente. E, falar : verdade, foram apenas 45 rublos.
- WÁRWARA - Ah! E eu certa de que o senhor ia nos oferecer champanhe.
- ZAMYSLOV - Isso virá. Domingo próximo, depois de nossa representação teatral, está convidada.

CENA 11

(Maria Lwóvna e Vlas no terraço, sentados em duas poltronas de vime )

- Vlas - - Por que me olha assim ?
- MARIA LWÓVNA - Você está mais magro, Vlas. Por que ?
- VLAS - E o esforço de fazer besteiras.
- MARIA LWÓVNA - Você nunca me disse uma coisa séria. Desde que me conheceu. A culpa é minha ?
- VLAS - É minha. Minha natureza.
- MARIA LWÓVNA - Me olha sério uma vez só. Vamos ! Não vale rir. Quero ver quanto tempo você agüenta. (Vlas cai num riso incontrolável).

CENA 12

(Wárwara , Caléria e Doublepoint em volta do cavalete de pintura)

- WÁRWARA - Eu te admiro, Caléria. Tuas telas estão cada vez mais cheias de imaginação.
- CALÉRIA - Só pinto o que vejo diante de mim.
- WÁRWARA - Mas esse jardim que você pintou , esse aí, não existe aqui!
- CALÉRIA - Isso não é um jardim.
- CALÉRIA - Isso não é um jardim.

DUBLEPOINT - Não ? Olha, ~~ve~~jurava que era um velho jardim, voltando a seu estado selvagem.

CALÉRIA - Eu não pinto segundo a natureza. Pinto o que vejo no rosto das pessoas, o que p<sup>r</sup>cebo por trás das expressões superficiais.

DOUBLEPOINT - Ah, bom !

CALÉRIA - O quadro se intitula "Angústia antes da tempestade".

DUBLEPOINT - Compreendo. O jardim não é senão o reflexo de outra coisa mais profunda.

CALÉRIA - Eu já disse; não é um jardim...

DUBLEPOINT - Está bem, isso não é um ... Pessoa estranha...

### CENA 13

(Doudakov leva Ricumine até a escrivadinha)

DOUDAKOV - Escuta, Pavel Sergueiévitch, está um inferno aquilo ali, no lar. Estão atacando de novo, ~~de~~cretinos.

RIUMINE - De que é que voce está falando ?

DOUDAKOV - Do Lar ! Do nosso Lar !

RIUMINE - Ah, bom ! Há tanto tempo eu nem vou lá...

DOUDAKOV - Nem vai lá nem lê os jornais, pelo visto. Esta manhã todos os periódicos nos agridem. "Agitação no Lar dos Menores Desamparados". Nossos pequenos protegidos botaram a boca no mundo. Que diabo os leve. O fato é que a imprensa nos ataca a ambos com uma satisfação inequívoca.

RIUMINE - É espantoso. Repugnante. Com a breca ! Em toda parte brutalidade e a vulgaridade dominando tudo. E nós somos tão fracos que não opomos a menor resistência. Cirilo Akimóvitch, neste momento eu simplesmente não tenho forças nem condições de me preocupar com essas coisas. É preciso que voce compreenda.

DOUDAKOV - É, todos nós, nós todos, não temos mais força- Estamos todos um pouco fatigados. "Reformas sociais". "Maravilhoso"! Grandioso ! Mas agora, quando a palavra de ordem é "Trabalhar! Trabalhar"! ...Eu sou o único que trabalha..r ! Que merda, eu também estou cansado !

OLGA - Acho que voce exagera um pouco Cirilo. Vamos , redige teu relatório.

DOUDAKPOV - Está bem, vou redigir. Senão, quem vai redigir o relatório ? .Aqui ninguém faz nada.

DUBLEPOINT - (Se debruça na amurada do terraço ) Está aí , ele tem razão. Está cansado. Mas no final de contas ele é médico e um médico não tem o direito de se queixar de excesso de trabalho. Não me perguntem por que, Não se faz , pronto !

#### CENA 14

( BassoV chama Wárwara pra perto dele)

BASSOV - Ah, minha querida... Ah, lá.lá. A política é mesmo uma ocupação indigna. Voce se lembra de Iwertlikoff, um cliente meu ... ?

(Mostra o jornal ) Lê isso : foi preso em Petersburgo. Desviou 500.000 rublos. Comum mas lamentável : um alto funcionário do governo se meter em semelhante sordidez. Um negócio imundo , salvo melhor juízo. É fundamental que eu mostro essa notícia a Zamyslov. Por falar nisso, onde é que anda meu assistente ? Ou, para ser mais exato, onde anda o assistente do marido de Youília ?...

WÁRWARA - Controla a língua, BassoV ! (Vai embora )

BASSOV - Que é que voce tem ? Todo mundo sabe disso, Wárwara. Voce está se aborrecendo à toa.

YOULIA - (Ri, sentada na cadeira de balanço) Você sabe; o que eu gosto mesmo nesse nosso veraneio é a absoluta ausência de obrigações. Que delícia ! É extraordinariamente agradável.

(Wárwara passa perto de Souslov)

SOUSLOV - Não confie nada nesse Zamyslov. É um conselho que lhe dou. Um belo dia ela mete seu marido na cadeia. É um canalha. Não acredita no que eu digo ?

WÁRWARA - Mas que maneira de falar !

SOUSLOV - Não quero discutir Zamyslov com voce.

SOUSLOV - Pois muito bem. Como queira. Mas não acha que se põe numa posição exageradamente importante nessa sua intangível austeridade. Preste atenção : o papel de mulher um carater sólido, uma boa dose de coragem , muita inteligência... Desculpe se a perturbo.

WÁRWARA - Eu não sei discutir... Sou absolutamente incapaz de falar assim...

SOUSLOV - Todas as minhas desculpas... É que simplesmente não suportto a proximidade de alguém que tem a audácia de ser rigorosamente austero. Desculpe-me.

### CENA 15

DOUDAKOV - Meus nervos estão retesados e ponto de partir. Não aguento mais. Fim. Acabou. Estou esgotado, totalmente esgotado. O prefeito, esse cretino, me berra nos ouvidos: "Os doentes comem demais!" Me acusa de desperdício: "Quantidade gigantesca de quinino"! Idiota ! Uma hora isso não me diz respeito, outra hora tenho que colaborar com o máximo de esforço para a instalação de esgotos nos bairros pobres da cidade. Afinal de contas não sou eu que tenho febre nem suevo que tomo o quinino. Pessoalmente tenho horror a quinino. É um

- OLGA - Por favor , Cirilo, se controle, eu te imploro. Não estamos em nossa casa. Por que se irritar tanto por causa dessas coisas ? Isso vem assim há tanto tempo. Você já devia ter se acostumado .
- DOUDAKOV - Mas eu te pergunto , cara Olga, o que é que eu faço ? Está bem, eu me acostumo. Eles ordenam ! "Voce tem qe economizar." Eu economizo. Na verdade é um crime que pratico contra os doentes , mas me acostumo. Infelizmente não tenho uma clínica particular, como Maria Lwóvna. Não posso me permitir mandar isso tudo a merda, esse emprego miserável , não posso.
- OLGA - Porque voce tem uma família numerosa, não é mesmo ? Ah. não é a primeira vez que voce diz isso. Mas podia ter evitado repetir aqui, na frente de todo mundo. Você é vulgar e sem tato !
- DOUDAKOV - Olga, o que é que voce tem ?
- OLGA - Nada; tudo é culpa minha.
- DOUDAKOV - Não é isso o que eu queria dizer.
- OLGA - Eu te compreendi muitíssimo bem.
- DOUDAKOV - Mas não é isso absolutamente o que eu queria dizer.
- OLGA - Pelo amor de Deus me larga ! (Se livra correndo)
- DOUDAKOV - Desculpe-me , Pavel Sergueiévich. Olga ! Tudo isso é tão inesperado. Não era absolutamente o que eu queria dizer , Olga !.. Já nem sei mais onde é que piso... (Corre na direção dela ).
- RIOUMINE - Um dia desses ele mete uma bala na cabeça.
- WÁRWARA - Voce diz isso com uma indiferença...

CENA 16

( Chalimov, Caléria e Maria Lwóvna estão no jardim , numa mesa. Pouco a pouco os outros se aproximam)

CALÉRIA - Vocês devem se aborrecer horrivelmente aqui conosco. Quando se está habituado a vida de Petersburgo... Oh, é tão cansativo, tão degradante viver no meio de toda essa gente tão desesperada !

MARIA LWÓVNA - Mas sempre faz um certo bem poder se queixar. Não é mesmo , Caléria ? Nossos escritores é que nos ensinam a nos queixarmos com graça e elegância. Eles se conhecem e se retratam . A beleza do seu desespero é um consolo pra nós todos.

YOULIA - O fato é que os livros tristes são os mais bonitos. E os mais apreciados. O que é que você censura nisso?

MARIA LWÓVNA - Acho essa maneira de se lamentar desprezível e absurda. Antes de mais nada o dever do escritor é utilizar sua posição privilegiada diante do público para denunciar os contrastes sociais deploráveis que existem em nosso país e tentar melhorar as condições de vida das camadas mais destituídas. O escritor tem esse poder, portanto tem esse dever. Deve se engajar em favor do povo miserável . Tem que lutar. Exatamente , escrever significa apenas isso mesmo; lutar.

BASSOV - Então, segundo a senhora, todo escritor deve ser também um revolucionário. Bem, como não ignora , isso realmente não convém a muitos deles.

VLAS - Ah, Maria Lwóvna, quer dizer então que você não ama a poesia ? Em sua cabeça reina uma ordem assustadora. Gostaria de meter aí dentro uma colher e mexer energicamente até atingir o ponto de bala.

MARIA LWÓVNA - Por favor Vlas estou falando sério..

CALÉRIA - Pelo visto você até agora não leu nenhum livro do senhor Chalimov ?

MARIA LWÓVNA - Lí vários livros dele, Caléria. E há mesmo certas passagens que releio, volta e meia, porque são profundamente belas... E por isso mesmo que lhe faço esta pergunta; porque o senhor escreve ? Ao lê-lo não percebo o que o senhor ama; nem o que odeia... Quem é o senhor ? Meu amigo ? Meu inimigo ? Eu não sei.

CHALIMOV - Acho difícil responder. Eu não sei nada. Vim pro campo, pra casa do meu gozar umas semanas de férias longe da literatura e do trabalho de escrever. Peço-lhe que me dê o máximo de sua compreensão, caríssima senhora. (se afasta)

CALÉRIA ( à Maria Lwóvna) - Acho que suas exigências literárias se baseiam em concepções completamente falsas. O poeta sempre fala de maneira indireta, por meio de metáforas poéticas. Se a senhora não tem sensibilidade poética é melhor não sair da leitura dos jornais.

ZAMYSLOV - Perdõe-me, mas a sede de beleza, a mim me parece, é uma necessidade fundamental do ser humano. Por que nós, precisamente nós, deveríamos constituir uma exceção e renunciar à beleza ?

MARIA LWÓVNA - Quem falou em renúncia ? Pelo contrário, penso que a poesia só triunfa quando o escritor denuncia a hipocrisia da sociedade é dar nome aos bois, sem contemporização, tomar partido !

RIOUMINE - Não, é errado chamar as coisas pelo próprio nome. Falso. Ridículo. Bárbaro. E mortalmente perigoso ! Me oponho a essas desmistificações absurdas. É preciso embelezar a vida. É uma loucura arrancar da vida o véu de ilusão que a protege, sem ter nada de novo que o substitua.

MARIA LWÓVNA - De q3e é que o senhor fala ? Eu não o compreendo.

DUBLEPOINT - Eu há muito tempo que não compreendo mais nada. Absolutamente nada. Lamentável. Expliquem-me; de que é que se trata ?

RIOUMINE - Defendo o direito do homem à ilusão sobre si mesmo. Qual é o sentido da vida, se ela não tiver mais beleza alguma ? Se o homem é miserável e sem força, se sua mais alta ambição é apenas ver a humanidade uniformemente alimentada.

MARIA LWÓVNA - Quem dizer então que o senhor acha bonito o povo morrer de fome ?

RIOUMINE - Queira me desculpar, Maria Lwóvna, mas eu não disse isso. Creio que quanto mais o homem desenvolve a sua inteligência mais dificuldades ele tem aqui em baixo. Quanto mais a espécie humana avança no tempo mais imundície vulgaridade, brutalidade e hipocrisia ela acumula em volta - e a criatura isolada sente mais forte a nostalgia de beleza e da pureza. A felicidade só era possível nos tempos antigos - quando o homem dispunha ainda de forças superiores - quando todas as pessoas dispunha ainda de forças superiores - quando todas as pessoas vestiam trajes suntuosos, vestimentas multicoloridas. Mas, em nosso tempo, o homem não tem mais força para resolver as contradições da vida, não tem mais força para aniquilar a maldade e a sujeira. Por isso não podemos lhe tirar o direito de fechar os olhos diante dos horrores que o agridem e torturam.

MARIA LWÓVNA - Mas a que homem o senhor se refere ? Em primeiro lugar ao senhor mesmo, presumo.

RIOUMINE - Per favor, basta olhar em volta de si mesma. Há sempre mais gente para provar, sem cessar, dada vez com mais clareza, maior evidência, e o quanto a vida se tornou insupportável, totalmente insupportável.

- MARIA LWÓVNA - E há sempre mais gente que sente crescer dentro de si uma força que vai mudar as condições da vida.
- DOUDAKOV - Mas a senhora, como médica, deveria saber que as forças humanas declinam com a idade. Acontece exatamente o mesmo com a humanidade.
- MARIA LWÓVNA - Quanto mais altas as exigências que o indivíduo se impõe mais forte ele se torna.
- SOUSLOV - Palavrório insuportável. (Se afasta, irritado)
- BASSOV - Exigências mais alta. Bem, muito bem. Mas sempre nos limites do possível. Evolução, eu me contento com isso, e evolução. A humanidade progride muito lentamente.
- WÁRWARA - Não sei... Eu me exprimo tão mal... Mas sinto com muita força que é preciso despertar em todos os homens a consciência da própria dignidade; é isso, em todos os homens todos. Aí ninguém mais humilhará o próximo. Nós mesmos, entre nós, somos incapazes de tolerância uns com os outros.
- CALÉRIA - Você, sem dúvida, está do lado de Maria Lwóvna. Esses sonhos frios de uma sociedade universal, desprovidos de poesia, você também os acha grandes e belos, não acha?
- WÁRWARA - Vocês estão todos tão hostis com ela. Por que isso?
- RIOUMINE - Mas, uê, foi ela. Ela é quem nos ataca. Quando ouço alguém definir o sentido da vida, tenho a sensação de estar...me sinto sufocado. A vida não tem menor sentido. É a soma das minhas sensações, nem mais nem menos. Acaso. Sem fim, nem objetivo.
- MARIA LWÓVNA - Tente elevar o fato ocasional que é a sua vida ao nível de uma necessidade social. Aí a sua vida terá um sentido.
- RIOUMINE - Ouviu? - ela recomeça - (Se afasta)
- DOUBLEPOINT - Isso tem força, o que ela diz. Nada de novo, mas ...  
Dá esperança!

CALÉRIA - Ah, meu Deus, chega de frases ! Tudo tão gasto. Não aguento mais. (Vai ao piano e toca. Olga, Wárwara e Maria Lwóvna ficam sós)

OLGA ( A Wárwara) - Quando alguém fala com tanta dureza me dá um frio na espinha. Me dá sempre a impressão de que a coisa é diretamente comigo. Bom, tendo que ir pra casa. Existe tão pouca ternura nesta vida! Wária, é muito bom estar com você. Sempre ouço alguma coisa que me enriquece interiormente.

WÁRWARA - Então fica mais um pouco, Olga. Vem, senta aqui.

OLGA - É vou ficar mais um minuto ou dois. (Senta na cadeira de balanço).

MARIA LWÓVNA) ( A Wárwara) - A discussão me deixa seca e dura. Que tal escutarmos um pouquinho de música, Wária?

BASSOV - (Chama) - Wária, manda trazer mais uma garrafa de cerveja. É melhor duas. Depressa. (Wparwara entra em casa).

### CENA 17

(Kropilkine e Poustobaika no jardim. Constroem o pódio do teatro)

KROPILKINE - Você alguma vez já viu ?

POUSTOBAIKA - Já vi tudo que tem pra ver aqui.

KROPILKINE - Já vi tudo mesmo ? E como é que é ? Os patrões, quando fazem teatro ?

POUSTOBAIKA - Como é que você quer que seja ? Metem uma coisa, não interessa o que, em cima, e falam de um jeito engraçado. Cada um diz o que lhe vem na cabeça. Gritam, correm para todos os lados, fazem como se estivessem fazendo alguma coisa, ou como se estivessem doidos de pedra. É exatamente isso. Fazem de conta. Vem um e diz: "Eu sou o mais honesto". O outro: "O mais inteligente sou eu". Um outro ainda: " Eu sou o mais desgraçado"...

KROPILKINE - Por que ^ ?

POUSTOBAIKA - Que é que voce quer que eles façam mais ? Têm tudo.

CENA 18

(Maria Lwóvna está ao piano. Wárwara debruçada junto dela)

WÁRWARA - estranha, a nossa vida ! Falamos, falamos , e é só. Temos uma opinião formada a respeito de tudo e de cada um adotamos sempre as novidades, rejeitamos o que pensávamos antes. Mas uma vontade firme e decidida , uma aspiração clara e forte, isso não temos. (Sai)

CENA 19

(Bassov e Chalimov estão sentados no jardim. Bassov arruma as peças num tabuleiro de xadrez. Sacha chega com a cerveja)

SACHA - Não beba muito depressa, Serguei.

BASSOV - Voce joga xadrez, Yaska ?

CHALIMOV - Sem pretensão

SACHA - Não se apresse em ganhar ; não é necessário, nem é divertido. Voce ganha mesmo, de qualquer maneira.

BASSOVQ - A velha joga muito melhor do que eu. Um talento natural. Anormal.

CENA 20

(Doublepoint e Maria Lwóvna passeiam no jardim)

DOUBLEPOINT - Tempos atrás eu vinha muito por aqui. Minha segunda mulher era de Nijni. E como as coisas sempre andaram muito bem entre nós dois, foi aqui também que eu vim procurar a minha terceira. O fato é que as coisas sempre meocorrem maravilhosamente bem com as mulheres , -eu sempre

tive sorte. Eh, é.. tudo isso já foi, é o passado. Atualmente não tenho mais ninguém. Mais nada... nem ninguém.

(Sentam-se a uma mesa)

MARIA LWÓVNA - Então porque largou a sua fábrica ?

DOUBLEPOINT - Estava velha. Minhas máquinas já não passavam de um monte de sucata e os alemães, com suas instalações modernas, produziam melhor do que eu, e muito mais barato. Constatei que meus negócios estavam num ponto morto, pisei os prós e os contras e, sem mais pensar vendi toda a minha quinilharia pros tedescos. No momento não tenho mais nada.

MARIA LWÓVNA - Mas o senhor é rico !

DOUBLEPOINT - Sou ; mais de um milhão de rublos. E tenho ainda uma casa na na cidade, uma casa velha mas bem grande.

MARIA LWÓVNA - E que pretende fazer, agora ?

DOUBLEPOINT - Não sei. Ficar deitado em minha casa o ano inteiro, contando o meu dinheiro ? Me aborreço mortalmente. Já não me aguento mais. Este braço , por exemplo ; antes eu nem prestava atenção. Agora tenho a consciência permanente destas duas ferramentas inúteis balançando penduradas no meu corpo...

## CENA 21

(Bassov e Chalimov jogam xadrez)

CHALIMOV - Essa Maria Lwóvna faz exatamente o que ?

BASSOV - Medicina. É médica.

CHALIMOV - Vem sempre a tua casa ?

BASSOV - Não. Quer dizer; vem. É amiga de Wária. Reta como uma estaca. Acho que não tem muito boa influência sobre minha mulher. Entulha o cérebro de Wária com tudo quanto é espécie de deduções... (Wárwara surgiu no terraço.) Ah,

Wária, quer dizer que voce estava aí ?

- BASSOV - Uma pessoa corajosa, é preciso reconhecer. Ela te atazanou bastante. Yaska. Isso não te acontece todos os dias, hein ?
- CHALIMOV - Quase todo dia, Serguei . Basta-me abrir os jornais de Petersburgo que é absolutamente certo encontrar alguns insultos contra mim. Nos últimos tempos, é verdade, diminuiu um pouco...
- BASSOV - Bem, um escritor , ele é lisonjeado com uma paixão que os que exercem uma profissão normal nem sabem que existe.
- CHALIMOV - No fundo , voce tem medo de tua mulher ?
- BASSOV - O que ? Ah, não ela é extremamente delicada.
- CHALIMOV - Voce diz isso com tal tristeza...
- BASSOV - Olha aqui, a mulher de Souslov, essa sim, voce deve observar bem de perto, quando tiver ocasião. Uma mulher leviana ! Tem uma ligação com meu assistente.
- CHALIMOV - É? Bem, vamos ver. Quando penso nessa Maria Lwóvna ...
- BASSOV - Yoúlia é uma coisa completamente diferente. Ela, oh!.. Enfim, voce verá com seus próprios olhos. (Vlas atravessa o jardim correndo)
- VLAS - A natureza não faz mais frutas como o ananás  
Nem desgraçados jograis  
Como o desgraçado Vlas.  
Wária, que é que voce acha disso ?
- WARWARA - Por favor, Vlas, cala a boca.
- VLAS - O que é que voce tem ? Ué, mas voce está chorando... Por que? É... por causa de Chalimov? (Warwara abana a cabeça)  
Então é isso; o grande sedutor, o célebre poeta. Olha lá ele, estirado, bebendo sua cerveja , estremeendo ao pensar no próximo ataque de reumatismo.
- WARWARA, - Eu o vi a primeira vez, numa reunião onde ele declama uns poemas. Lembro de sua entrada em cena, tão vigoroso,, tão

- WÁRWARA - seguro de si, os cabelos caíndo na testa em cachos densos. A fisionomia era franca, grave, corajosa - O rosto de um homem que sabe o que ama e o que detesta. Eu o contemplava tremendo de felicidade por poder ver vivo um homem assim. Já lá vão seis ou sete anos...
- VLAS - Pobre Wária, voce ainda se emociona.
- WARWARA- - Eu o amei tanto. Acreditava em tudo que ele escrevia Quando a banalidade da vida me sufocava, quando eu não podia mais, relia os livros dele. Esperava que um dia ele visse e me levasse para longe desta mesquinha atroz...
- VLAS - E agora irmãzinha ? O que é que voce espera agora ?
- WÁRWARA - Não sei. Eu não sei.
- VLAS - Ah, gostaria tanto de poder te dizer alguma coisa carinhosa. Não me vem nada à cabeça infelizmente.
- WÁRAWARA - Me deixa, por favor.  
( !! Bassov e Chalimov jogam xadrez)
- BASSOV - (chama) - Wária, não quer se sentar um pouco, aqui junto de nós ? ( Wárwara entra em casa, sem responder) Escuta Yaska, eu queria te perguntar... Bem... sem dúvida voce tem razão; Wária anda um pouco esquisita, ultimamente. Ai! hoje em dia o mundo inteiro sofre desses estados dalma. É moderno. E cansativo. Não, não me compreenda mal, ela é mesmo muito delicada... Voce não daria um jeito de se abrir um pouco mais com ela ?
- CHALIMOV - Perdão, não entendo. O que é que voce quer dizer ?
- BASSOV - Vou te dizer francamente, em nome da nossa amizade - "cultivá-la um pouco. Ela tem um tal vazío na alma... angustiada, voce sabe! E, para ser sincero acho que voce tem muito a ver com isso.
- CHALIMOV - Eu ?
- BASSOV - É, é. Uma vez ela assistiu uma de tuas conferências. Estou absolutamente certo de que até hoje ainda sonha com isso.

CHALIMOV - Quando foi ?

BASSOV - Há uns dez anos.

CHALIMOV - Ah, sim.

BASSOV - Voce podia distraí-la um pouco, levantar-lhe moral, despertar seu interesse. Quero te dizer, com toda minha amizade...

CHALIMOV - Então é isso, Serguei ... Grotesco, não?

## CENA 22

(Rioumine e Caléria junto ao cavalete de pintura)

RIOUMINE - Como ela mudou desde que esse Chalimov está qui. Só nos fala do alto da sua soberba. Ridículo ! O que é que é esse poeta ? Poeta em fim de carreira, kaputt. Isso mesmo, é exatamente esse o ar que eles tem quando lhes minguia a inspiração - vagabundos melancólicos. Ele só tem ela - e ela nem vê.

CALÉRIA - Ah, voce... voce tem é catarata. Voce é que não vê nada !

RIOUMINE - Não ! E não grita, por favor.

CALÉRIA - Voce netão não percebeu seu rosto devastado, de mágoa? Voce não presta a menor atenção nos outros. Ela o esperou como se espera a primavera, esperou que ele trouxesse algo de novo à sua vida insípida, alguma coisa de muito importante ... (Vlas se junta a eles e faz pose diante do cavalete.)

VLAS - Abstração Vassiliévna - que tal pintar o meu retrato?

CALÉRIA - Quer saber de uma coisa ? Voce é um corcunda !

VLAS - Ah, bom. Mas isso não prejudica em nada o meu belo aspecto exterior, não é verdade ?

CALÉRIA - As pessoas grosseiras são aleijadas.

VLAS - O que é que voce está fazendo - treinando pra um concurso de non-sens?

CALÉRIA - Non-sens ? Besteira ! Repugnante. Só idiotas se acham brilhantes porque usam palavras estrangeiras.

- RIOUMINE - Por favor, Caléria, toca alguma coisa no piano. Não posso mais ouvir essas coisas. Tenho necessidade de música, agora.
- VLAS - É isso; profejam~~os~~ a limpeza da poesia. Mais que isso; profejam~~os~~la dos sentimentos fictícios.
- CALÉRIA - Os homens hanais me dão o mesmo horror que a varíola são infecciosos. Temos que evitar qualquer contato.
- VLAS - E todas as donzelas solteironas compensam isso escrevendo versos ruins e mascando fumo. (Caléria lança o cavalete em cima de Vlas, vai até o piano e prorrompe em soluços )  
(Souslov, Doublepoint e Olga se encontram no jardim )
- DOUBLEPOINT - Onde é que voce vai, Piotr ?
- SOUSLOV - Não vou a lugar nenhum , estou fumando.
- OLGA - Viu meu marido, por acaso ?
- SOUSLOV - Não vi. O tempo está carregado , não ?
- OLGA - Carregado ? Não acho.
- SOUSLOV - Eu sufoco . O que não é de espantar quando se está no meio de irresponsáveis e patifes....
- OLGA - O que é que voce está dizendo ? Voce está esgotado. As tuas mãos tremem.
- SOUSLOV - Bebi demais, ontem de noite. Dormi mal.
- OLGA - Por que beber assim ?
- SOUSLOV - Para ver a vida côr-de-rosa.
- DOUBLEPOINT - Ávis rara, esse meu sobrinho. Eu ignorava totalmente que fosse tão extravagante.
- WÁRWARA - (Juntando-se a eles) - Por que saiu tão depressa ainda agora , Piotr Ivanóvitch ?
- SOUSLOV - Continuo a viver com os pés na terra... cansei de escutar o discurso da mui honorável Maria Lwóvna.
- WÁRWARA - Ah ? Não lhe interessa ? Eu escuto com o maior prazer.
- SOUSLOV - Pois vai ter muito com que se divertir. (Se afasta. Wárwara leva Olga ao terraço.)

- OLGA - Gostaria de jamais sair do teu lado. Wária. Cada vez que entro em casa me aborreço horrivelmente. É mais forte do que eu... Os filhos ... voce não pode saber o que são difíceis, difíceis.
- WÁRWARA - Vem, senta aqui. Quer chá ?
- OLGA - Wolka está doente, com febre, com febre...Nádia está de uma malcriação insuportável e também não anda muito boa de saúde. E aí Cirilo chega da cidade com um mau humor de cão. Definitivamente não sei mais o que fazer.
- WÁRWARA - Ah, pobre querida, também, assim, está acima das tuas forças.
- VLAS - (Do jardim) - As alegrias do lar!... As alegrias do lar !
- OLGA - Sei que isso deve te parecer neles que minha cabeça começa a badalar como um sino; filhos ...filhos...filhos...
- WÁRWARA - Desculpe, mas tenho a impressão de que você exagera um pouco....
- OLGA - Não me diga isso ! Voce não tem condições de julgar. Não conhece essa sensação opressiva que é a responsabilidade dos filhos. Eu sei que um dia eles me perguntarão como é que se vive.
- VLAS - Por que se preocupar tanto com isso, mãe maternal ? Pode acontecer que eles nem queiram saber. Pode ser que encontrem sozinho o modo de viver.
- CALÉRIA - Ah, voce não compreende nada !
- OLGA - Eles já começam a perguntar. Perguntas e mais perguntas. E são perguntas cruéis; nem voce, nem eu, nem ninguém é capaz de responder. Como é difícil ser mulher ! Creio que antigamente a vida era bem mais simples do que agora.
- VLAS - Antigamente se amarrava cachorro com linguiça. Hoje, se o cachorro quer comer. A gente entrega ele pra justiça.
- WÁRWARA - Pára, Vlas !

- CALÉRIA - (Ao piano) - O sol se levanta, o sol se deita, mas no coração do homem é sempre noite.
- OLGA - Que é que voce está dizendo ?
- CALÉRIA - Estou falando sozinha.
- OLGA - Eu provoquei aqui em volta um humor sinistro, não é mesmo ? Sou um abutre. Que é que posso fazer ? O melhor é não dizer mais nada. Por que voce se afastou, Wária? Você também já está completamente cheia de mim ?
- WÁRWARA - Olga !
- OLGA - Às vezes eu mesma me suporto. Provavelmente minha alma já está toda enrugada e apodrecida, provavelmente. O que é que eu sou hoje ? Um cachorro vira-latas. Um desses animais sardentos e sem dono, que não gostam de ninguém e só querem morder. Yoúlia ainda vai zombar de mim. Eu não gosto dela, essa mundana, de província, essa boneca da moda; nunca se preocupou com os filhos e, apesar disso eles estão sempre vendendo saúde. Estranho... Olha como é engraçado o teu Rioumine agredindo o ar com os braços.
- WÁRWARA - Por que meu Rioumine, Olga ? (Zamyslov e Yoúlia chegam ao terraço)
- WÁRWARA - Foram dar um passeio
- YOÚLIA - Fomos. Estava ótimo.
- ZAMYSLOV - Tentei em vão desmoralizar um pouco a insolente Maria Lwóvna.
- YOULIA - Olha, Olga, o lindo buquê de flores que colhi para voce... Anêmonas...Acho que combinam muito bem contigo..
- ZAMYSLOV - Em consequência do que ela me enquadrou devidamente: "Deus te botou no mundo para que tu trabalhes todos os dias na realização e simplesmente, isso não entra na minha cabeça. Se eu pudesse lhe provar que a vida é uma arte, a arte de ver tudo com nossos próprios olhos, escutar tudo com nossos próprios ouvidos. Comer, beber - uma arte !  
- e amar - outra arte !

- YOÚLIA - Espantosa a facilidade com que voce consegue ser banal...
- ZAMYSLOV - Tudo isso acabou de me passar pela cabeça agora mesmo. É necessário que viver a vida valha a pena. Deve-se fazer alguma coisa, empreender qualquer coisa, participar de qualuer coisa...
- YOÚLIA - Caléria , pelo amor de Deus, Acaba com essa conversa fiada . Toca um pouco.
- ZAMYSLOV - Acho que amanhã vamos fazer um pique-nique minhas senhoras. Estaremos todos ao ar livre, respirando oxigênio pleno e puro... Que é que voce acha, Caléria? Eu sei, voce ama tudo que é belo... Então porque é que voce não me ama ?
- CALÉRIA - Você é excessivamente barulhento pro meu gosto, tem cores muito fortes; um arlequim.
- ZAMYSLOV - Obrigado, mas no momento, não se trata disso. Pretendemos enlevêr par la force , raptá-la. Ainda falta à nossa representação teatral uma pequena coisa indefinível... Nos disseram que esta noite poderíamos organizar <sup>v</sup>um ~~um~~ sarau literário.
- YOÚLIA - Voce não gostaria de ler alguns de seus poemas ?
- ZAMYSLOV - Não... Espera... Eu imaginei , para o início da representação . Agora estou falando da representação de caridade no próximo domingo - pois é, no início , como prólogo para o espetáculo, voce entra em cena num belo traje lilás e declama um poema voce tem alguma coisa nova, não tem ?
- CALÉRIA - Tenho
- ZAMYSLOV - Maravilhoso ! Proponho que organizemos logo uma leitura de ensaio.
- CALÉRIA - Eu não sei, não me sinto propriamente com ânimo para ...
- YOÚLIA - Ah, Caléria, lê , por favor. Adoro teus poemas tristes. Vamos pro teu lindo quarto , tão bem arrumado; gosto muito dele. Vamos , eu quero descansar um pouco desse artista de vida. (Yoúlia, Caléria e Zamyslov entram em casa )

CENA 23

(Rioumine, Maria Lwovna, Doublepoint e Doudakov discutem no jardim)

RIOUMINE - Eu gostaria verdadeiramente de saber de que maneira, tendo tais convicções - voce educa seus filhos.

MARIA LWOVNA - Como? Tenho com minha filha uma relação muito amigável. Deve-se uma absoluta lealdade aos filhos, é tudo. Jamais enganã-lôs. Não subtrair coisa alguma do conhecimento deles. Dizer-lhes a verdade sempre.

RIOUMINE - A verdade? Ah, bom voce sabe, é arriscado demais. A verdade destruição do ser. Pode-se envenenar uma criança num segundo, mostrando-lhe o rosto tenebroso da verdade.

MARIA LWÓVNA - Voce, naturalmente prefere que as crianças sejam envenenadas pouco a pouco com pequenas doses diárias de mentira?

RIOUMINE - Perdão, eu não disse isso! De modo algum; isso está fora de questão. Voce me considera então um mentiroso, Maria Lwóvna?

MARIA LWÓVNA - Eu? Não. Acho que voce está gritando. A histeria, para mim, não chega a ser um argumento.

RIOUMINE - Não consigo falar com calma sobre isso. É muito importante. Essa questão tem que ficar totalmente esclarecida.

MARIA LWÓVNA - Acho que alguma coisa lhe fez muito medo... Vamos parar a discussão (Se separam)

-----  
(Wárwara está só. Doublepoint se aproxima dela)

DUBLEPOINT - Esse curioso Rioumine me embrulhou todo com sua verbosidade filosófica. Sem dúvida alguma não sou bastante inteligente para esses eruditos. Não tenho nem sequer como contradizê-los. Fico simplesmente engolfado nesse pure de palavras, como uma barata na banha derretida. No final, fui saindo à francesa. Que o diabo se leve a todos senhora.

DUBLEPOINT - A senhora me agrada... Raios como a senhora é bonita !

WÁRWARA - O que ?

DUBLEPOINT - Ah, minha queridíssima, leiô na sua expressão. A senhora não está nada à vontade aqui, não é mesmo?

WÁRWARA - Que é que o senhor quer comigo ? Quem é que lhe deu o direito de se meter na minha vida?

DUBLEPOINT - (Estoura numa gargalhada) - Páre ! Eu nãoestou me metendo em nada. Vejo que a senhora se sente estranha aqui - sei, porque também me sinto estranho. Eu queria lhe dizer alguma coisa bem gentil. Talvez tenha começab mal, raios me partam.

WÁRWARA - Desculpe-me. Não tencionava ser grosseira com o senhor. Mas não estou acostumada a que me falem desse modo...

DUBLEPOINT - Deu para perceber. Vamos passâr um pouco , por favor. De-me esse prazer. (Wárwara entra em casa. Doublepoint fica sozinho).

#### CENA 24

( BassoV e Doudakov voltam do banho)

BASSOV - Essa Maria Lwóvna arruinou completamente o humor do nosso poeta. Por pouco ele não faz as malas... Ah, se isso acontece, pobre dela ! Solta banalidade sem cessar: que o escritor deve ser sincero, que o escritor tem que servir aos interesses do povo... Deus do céu , qualquer criança sabe disso ! Também o soldado deve ser corajoso e o advoga do honesto - não é verdade ?

DOUDAKOV - Ela pode falar assim, tem um consultório particular , meteu a filha num internato...

BASSOV - Mas, voce sabe , Yaska também não é nada bobo. Um finório . Largou a mulher con tres meses de casado e, agora que ela morreu, vai receber a herança. Nada mal, não é mesmo ? (Doublepoint e Souslev se juntam a eles ).

DOUBLEPOINT - Oi, doutor Bassov... O senhor não quer vir passear comigo ?

BASSOV - Estou voltando do banho agora mesmo...

DOUBLEPOINT - Ah, bom. Estava frio ?

BASSOV - Não muito.

DOUBLEPOINT - Talvez eu também devesse tomar um banhozinho. Você me acompanha Piotr ? Pode ser que eu me afogue, e você herda mais depressa.

SOUSLOV - Tenho o que fazer.

DOUBLEPOINT - Ao que parece meu dinheiro não te interessa, não é mesmo ? Sem dúvida você - o velho vai estourar de qualquer maneira, por que ser amável com ele ? Bom, lá vou eu sozinho.

(Sai)

SOUSLOV - Extraordinariamente antipático, esse meu tio.

BASSOV - Os velhos nunca são muito divertidos.

SOUSLOV - É evidente que ele pretende terminar seus dias em minha casa.

BASSOV - É? E você, como encara isso?

SOUSLOV - Que o diabo o carregue... Desgraçadamente será como ele quiser (Sai)

DOUDAKOV - Diz uma coisa - você não acha isso estranho ?

BASSOV - O que ?

DOUDAKOV - Quero dizer, você não se espanta que nós ainda possamos nos suportar, que nós ainda não nos tenhamos atirado na garganta uns dos outros ?

BASSOV - Perdão ! que? Você fala a sério ?

DOUDAKOV - Totalmente. Nós somos seres assustadoramente fracos, frouxos, nenhuma dúvida quanto a isso Você não acha?

BASSOV - Não, não acha..Eu sou saudável; me acho um homem completamente normal . De culpe.me....

- DOUDAKOV - Eu não estou brincando....
- BASSOV - Saiba então, Doutor , que só tenho uma coisa a lhe dizer: médico cura-te a ti mesmo. Mas que atitude insensata...  
voce tem um revólver ai ?
- DOUDAKOV - Não. Por que ?
- BASSOV - Ainda bem. Do seu estranho estado de espírito deve-se esperar o pior. ...
- DODAKOV - É realmente impossível falar a sério com voce.
- BASSOV - Então não fale. (Vai à escrivaninha . Sacha tricota a seu lado )
- SACHA - Agora, finalmente posso provar a sua mãe que voce é mesmo um irresponsável . Não faço mais nada pra voce. Pornto .  
Terminado !
- BASSOV - Deixe-me em paz. , Sacha .
- SACHA - Ir se banhar, com o coração que tem ! Essa fraqueza no coração e vai cair no rio gelado.
- BASSOV - E o que é que tem isso ? Em pleno verão. ..
- SACHA - É, em pleno verão... Mas a água do rio está gelada.
- BASSOV - Está bem. Chega , velha feiticeira. Pega teu tricô e me faz alguma coisa bem <sup>grande</sup> grande para o inverno.

### CENA 25

( Yoúliale Zamyslov no estrado do teatro)

- YOÚLIA - Por que não vem ninguém ? O ensaio já devia ter começado há muito tempo,
- ZAMYSLOV - Será que todos perderam o interesse ?
- YOÚLIA - Perderam o interesse ? Pelo teatro ? Mas étão excitante.
- ZAMYSLOV - Claro. Desde que a gente tenha o papel principal . Sabe que voce às vezes tem uma maneira toda especial de pisar nos outros...?
- YOÚLIA - Isso já faz parte da crítica ?
- ZAMYSLOV - De modo algum; é cumprimento , minha cara, curvo-me diante do teu talento extraordinário.

YOÚLIA - De que me serve ter o primeiro papel se os outros atores não aparecem para dialogar comigo... (Sosulov junta-se a eles )

ZAMYSLOV - Depressa ! E junta quem voce encontrar por aí. Temos que começar logo ( A Souslov)

Voce compreende isso? Não apareceu ninguém para o ensaio

SOUSLOV - Estranho, hein ?

YOÚLIA - Pois é.

SOUSLOV - Onde é que voce mandou esse tempo todo Yoúlia.

YOÚLIA - Por aí...

#### CENA 26

(Vlas sentado no cavalete de pintura. Pinta o rosto. Doublepoint o observa).

DOUBLEPOINT - Voce me agrada. V las.

VLAS - Como, poderia repetir ?

DOUBLEPOINT - Isso mesmo. Voce me agrada; de verdade.

VLAS - Eu me regozijo, pelo senhor.

DOUBLEPOINT - Mas um dia desses voce vai enlouquecer de vez.

VLAS - Mais ou menos quando ?

DOUBLEPOINT - A qualquer momento.

VLAS - Algum motivo especial ?

DOUBLEPOINT - Nenhum . Anão ser o fato de voce ser um rapa direito. E isso incomoda a todo mundo. Esse aí, será que não conseguimos dobrá-lo nem um pouco ?

VLAS - Reto ou dobrado, Vlas é um safado.

DOUBLEPOINT - Cale-se um momento. Qual é exatamente o teu objetivo ?

VLAS - Eu sempre quis ser alguma coisa melhor do que meu pai. Compreende ? Mas foi um erro. Porque meu pá era um homem dotado de imaginação. Gostava tanto de mim quanto do seu cachimbo. E me espancava como um cão.

VLAS - (Se olha num espelhinho). Entrei num curso de hotelaria porque um dia meu pai tinha sido auxiliar de cozinha. Entrei para o seminário porque um dia meu pai foi sacristão. Entrei para a Escola de Engenharia porque meu pai um dia, tinha sido ferroviário. Segui o curso da Escola de Agricultura porque um dia meu pai tinha sido moço de cavalaria. Cursei a Escola de Comércio porque meu pai, um dia, tinha sido mascate. Fui trabalhar no Horto Florestal porque meu pai, um dia, tinha sido uma cerejeira.

(MARIA LWÓVNA e Vlas se encontram)

VLAS - Ah, cara, caríssima Maria LWÓVNA... Toma conta da minha cabeça um momento... Não consigo mais carregá-la.

MARIA LWÓVNA - O que é que podemos fazer com você, Vlas ?

VLAS - (Se olha no espelho) É, Vlas, que fazer contigo?

MARIA LWÓVNA - Borrrou a cara toda, como um palhaço.

VLAS - Não, como uma puta ! Horror ! Vomite !

MARIA LWÓVNA - Gostaria de saber porque esse homem estranho brinca de esconde-esconde com ele mesmo o tempo todo. Gostaria muito de saber... Me diz, como você gostaria de viver?

VLAS - Gostaria de viver corretamente, é, corretamente.

MARIA LWÓVNA - E o que você faz pra isso ?

VLAS - Nada. Absolutamente nada !

MARIA LWÓVNA - Já estou te vendo com sessenta anos, ainda sentado aí, fazendo essas mesmas caretas idiotas.

VLAS - Perfeitamente! Que as pessoas riam de mim, que riam até arrebentar... Maria LWÓVNA, estou enojado a ponto de vomitar... Tudo é tão absurdo. Essa gente aí, odeio a todos... Sapos num charco. Não consigo falar sério com eles. Despertam em mim o desejo obscuro de fazer caretas e, mesmo assim, acho minhas caretas mais autênticas do que a cara deles. Minha cabeça está cheia de fantasmas, quase estourando... você entende ? Eu queria

VLAS - gemer, gritar, agredir... Creio que vou cair na bebida. Não posso, não quero viver como eles e só sei viver como eles - isso me deixa louco. Estou tão contente por você estar aqui...

MARIA LWÓVNA - E eu estou tão contente por você me falar dessa maneira...

CENA 27

(Yoúlia, Wárwara e Chalimov saem de casa)

YOÚLIA - Você acredita que a guerra entre os sexos é inevitável? Que é que você acha? - a amizade entre homem e mulher é ou não é possível?

CHALIMOV - Sempre essas perguntas sem nuance. Me poupe. Essa questão está definitivamente acima de minhas forças. Gostaria de acalmar um pouco meus nervos, passear um pouco e flertar um pouco com as senhoras presentes.

YOÚLIA - O senhor quer flertar e ao mesmo tempo acalmar os nervos? Bastante original. Devia ensaiar comigo.

CHALIMOV - Não perderei a ocasião de me aproveitar de convite tão amável.

YOÚLIA - Não estou convidando coisa nenhuma. Gostaria muito que respondesse à minha pergunta.

CHALIMOV - Está bem; eu não sou filósofo, mas acredito que a amizade entre homem e mulher é perfeitamente possível embora só por determinado tempo. A natureza não se deixa enganar, minhas senhoras.

YOÚLIA - O senhor acha, portanto, que uma amizade entre homem e mulher será sempre apenas uma espécie de vestibulo do amor.

CHALIMOV - O amor... O amor... Quer saber; tenho uma concepção muito séria do amor... Por que me olha dessa forma, Wárwara.

WÁRWARA - Seu bigode lhe fica muito bem.

CHALIMOV - Acha? Obrigado. Quando amo uma mulher eu a cerco de cuida

CHALIMOV - dos; como se fosse uma flor preciosa. Procuro elevá-la acima de todas as coisas terrestres... (a Wárwara). Meu tom não lhe agrada ?

WÁRWARA - O senhor também não ficaria mal sem o bigodê.

CHALIMOV - Ah, deixe meu bigodê em paz !

ZAMYSLOV - (Passando) Yoúlia Filippóvna, vem cá, por favor.

YOÚLIA - Já vou. Até logo, senhor jardineiro. Não se esqueça de adubar bem os seus canteiros.

CHALIMOV - Agora mesmo. Pessoa encantadora. A senhora se espanta, talvez, com meu modo de falar...

WÁRWARA  
(CHALIMOV) - Sabe, não é assunto que se deva expor abertamente. Não se exhibe em público a nossa vida interior. A senhora conhece o provérbio: "Quem vive com os lobos deve uivar com os lobos"? Simples como isso. Fácil de entender quando se sabe como a solidão faz mal - bem, mas essa é uma experiência que a senhora, evidentemente, ainda não teve. Portanto deve-lhe ser difícil compreender um homem que... Não quero mais tomar seu tempo. (Sai)

(Bassov sentado ao lado de Wárwara)

BASSOV - Preciso ter uma conversa séria com teu irmão. Wárwara. Acho que há alguma coisa entre ele e Maria Lwóvna. Você se dá conta de que... Enfim, isso não é possível,. Ela e quinze anos mais velha. Uma coisa ridícula.

WÁRWARA - Serguei, não... Escuta: você entendeu mal. Não há nada entre eles. Não vai sair por aí espalhando isso. Você entende pelo menos isso ? Eu te peço: não diz nada a ninguém.

BASSOV - Como você se irrita ! Bom, se não se deve falar, não se fala e pronto. Mas é realmente uma coisa indecente...

WARWARA - Me dá tua palavra de honra de que você vai se esquecer disso.

BASSOV - Minha palavra de honra, bem... Mas, você pode me explicar...

- WÁRWARA - Eu não posso explicar nada. Sei apenas que isso não é o que voce pensa. Não é uma ligação amorosa.
- BASSOV - Não é ? Então é o que ? Que outra coisa pode ser ? Está bem. Eu calo a boca. Mas, voce sabe, esse Yaska, esse é um verdadeiro. canalha.
- WARAWARA - O que é. que há, Serguei. ? De novo ?
- BASSOV - Voce é impossível. Devia, de uma vez por todas, tratar dos seus nervos. É um insulto pra mim a maneira como voce se comporta.

CENA 28

(Todes os veranistas chegam correndo ao estrado do teatro. Ensaio do espetáculo. Chalimov e Doublepoint assistem)

- ZAMYSLOV - (Interrompendo o ensaio) - Caléria escreveu um novo poema. Ela me prometeu recitá-lo como prólogo do nosso espetáculo.
- YOÚLIA - Podemos escutá-lo agora, pelo menos uma vez ?
- TODOS - É! Sim! Isso mesmo ! (Todes colocam cadeiras na frente do estrado. Sentam-se)
- RIOUMINE - Leia. Adoro seus versos delicados.
- WARWARA - É mesmo alguma coisa nova , Caléria.
- CALÉRIA - Querida , não prolongue o nosso suplício (Arruma uma cadeira para Caléria )Está bem assim ?
- CALÉRIA - Obrigada.
- VLAS - S Hêncio.silêncio; uma poetisa vai ler suas obras.
- CALÉRIA - Ou voce fala ou voce ouve !
- VLAS - Mas eu apenas reclamei silêncio.
- MARIA LWÓVNA - Pronto, estamos calados.
- CALÉRIA - Obrigada. Eu começo. É um poema em prosa. A música de acompanhamento ainda não foi composta.

CHALIMOV - Uma melodeclamação.

YOÚLIA - Como é bonito. É o que mais aprecio.

BASSOV - Lê, irmazinha; Lê logo ! Tenho certeza de que...

CALÉRIA - Está bem, vou ler. Embora isso não tenha o menor sentido. Tenho certeza de que minhas palavras vão mergulhar numa pântano insondável da banalidade geral.

DOUBLEPOINT - Está com jeito de poema pessimista.

WARAWARA - Shiiuuuuu

CALÉRIA - O poema se intitula " A FLOR SOLITÁRIA" - "gelo e neve cobrem eternamente , com uma lençol inalterável, o cimo dos montes, onde o silêncio glacial é rei, o silêncio cheio de sabedoria do seu infinito.

RIOUMINE senta ao piano e acompanha)

Ao pé da montanha, aqui bem baixo, nos estreitos vales da terra, se agita e sofre , nos seus domínios ásperos , um animal extenuado - o homem. Nas sombrias cavernas da terra, gemidos e risadas, uivos de loucos , murmúrios de amantes; ressoa a polifonia, o coro lúgubre da vida terrestre.

Mas os pesados suspiros dos homens não comovem o silêncio dos Alpes, nem a serenidade perene dos astros.

Gelo e neve cobrem eternamente com um lençol inalterável . o cimo dos montes onde o silêncio glacial é rei, o silêncio cheio da sabedoria do céu infinito.

Porém , testemunha da infelicidade da vida terrestre, dos tormentos do homem extenuado, desabrocha , na franjados gelos eternos, triste e soberba , a flor solitária das montanhas: a Edelweiss. Sobre ela, no deserto infinito do firmamento , o sol orgulhoso gira em silêncio , a lua, muda, brilha melancólica. E o véu gelado do silêncio , baixando do céu, abraça dia e noite a flor solitária, das montanhas a Edelweiss.

CHALIMOV - Bravo.

- RIOUMINE - ... "testemunha da infelicidade da vida terrestre, dos tormentos do homem extenuado..."
- YOÚLIA - Como é bonito ! E como é puro. .(A Zamyslov) Voce vê só . a mulher pode pressentir as coisas mais profundas.
- ZAMYSLOV - Escutem... É grandioso. Fantástico . Eu gostaria de ouvir isso com a roupa apropriada. É fundamental ouvir isso com a <sup>roupa</sup> apropriada - branco! Vestido branco, amplo, exatamente como uma Edelweiss ! Vai ficar sublime. Emocionante!
- VLAS - A mim também isso me agrada muito. Isso mesmo: Como um suco de fruta gelado no meio de uma tarde de verão insurpotável.
- CALÉRIA - Vai embora ! Desaparece daqui ! Seu...Seu... humorista! Rabiscador de piadas!
- VLAS - Mas eu falo sério, com toda sinceridade. Não seja tão cruel comigo (Souslov leva Yoúlia para um canto)
- SOUSLOV - O mínimo que voce pode fazer quando estamos em público é se policiar um pouco. Já zombam de mim.
- YOÚLIA - Zambam de voce ? Mas que coisa abominável !
- SOUSLOV - É preciso que cheguemos a uma decisão... Não peso permitir...
- YOÚLIA - Que coisa lamentável - ser mulher de um homem de quem zombam...
- SOUSLOV - Presta atenção, Yoúlia. Eu sou bem capaz de...
- YOÚLIA - De ser grosseiro como um carroceiro. Eu sei disso.
- SOUSLOV - Pára com essa insolência , bosta de mulher ?
- YOÚLIA - Acabamos de representar essa cena mais tarde, quando chegarmos em casa, está bem?
- SOUSLOV - Um dia desses eu te arrevento.
- YOÚLIA - Mas hoje não, já é muito tarde. Está bem ? (Canta )

YOULIA - O último clarão do dia  
Tinge o espelho  
das ondas de vermelho  
A sombra recobre a mataria  
E o mundo é só melancolia.

## II - COMEÇO DA NOITE

(Bassov e Vlas estão sentados à escrivaninha e trabalham. Sacha traz um lampeão)

SACHA - Está cansando muito a vista, Serguei.

BASSOV - Está bem Sacha. Pode ir, vai. (Na penumbra entra Wárwara)  
É voce, Wária ?

WÁRWARA - Sou eu...

BASSOV - (para Vlas) - Isso tem que ser copiada até amanhã de manhã . Entendue , Vlas ? É o relatório sobre a herança do Chalimov. Um crápula, esse Yaska, um verdadeiro, crápula. Mal a mulher morreu e na verdade ele ficou com ela apenas dois meses e depois a abandonou... Imediatamente se casou de novo e de novo tirou a corpo fora. Fez isso uma terceira vez e uma terceira vez repetiu a returada. Na verdade não sei quantas vezes repetiu a mesma canalhice. O que sei é que destruiu várias vidas. Agora morreu a primeira mulher dele; sem perder minuto , ele ataca a sua ex-cunhada e tenta lhe arrancar a herança por meio de chicanas jurídicas. Uma inacreditável golpe baixo.

WÁRWARA - Sacha, por favor , me trás a lampeão.

VLAS - A mim nada mais me espanta. Desde que comecei a trabalhar, com vece o mundo para mim é apenas um amontoado de intrigas calúnias e patifarias. No meio disso mesmo um simples escrivão acaba com o caráter arruinado.

BASSOV - Uma profissão é uma profissão. Voce deve levar o seu trabalho um pouco mais a sério meu caro Vlas. Cada vez te vejo menos no escritório...

- VLAS - É mesmo ? Espero que a minha ausência não o deixe demasiado solitário , meu senhor e mestre. (Sacha trás um lampeão para Wárwara.)
- BASSOV - O que importa é o seguinte : amanhã de manhã, quando eu acordar a cópia do processo deve estar pronta.
- VLAS - Para Vlas toda essa papelada é somente uma noitada. Que Deus lhe favoreça uma boa noite.
- (BASSOV se aproxima de Wárwara, Sacha o ajuda a vestir o casaco )
- BASSOV - Voce ainda está aí Wárwara ?
- WÁRWARA - Estou.
- BASSOV - Não está sentindo uma corrente de ar aí no quarto ?
- Wárwara - Estou.
- BASSOV - Ó, ... casa estúpida. Rachaduras por toda parte, o assoalho rangendo ao menor movimento....
- WÁRWARA - Voce quer chá ?
- BASSOV - Obrigado. Tenho um encontro com Souslov.
- WÁRWARA - Sacha, por favor vai perguntar a Maria Lwóvna se ela não quer vir tomar chá comigo. (Sacha sai).
- BASSOV - No fundo esses verões aqui no campo são uma obrigação incômoda, voce não acha ? As casas que alugamos não tem o menor conforto , à noite o vento entrapelas rachaduras, só se consegue trabalhar a duraspnas, há sempre mil visitas aborrecidas e, quando se tem que ir à cidade, perde-se pelo menos metade do dia. Nunca estamos muito à vontade aqui, voce não acha ? Voce não quer falar comigo, Wária ? Está bem, eu saio logo.
- WÁRWARA - Voce já não está atrasado para o encontro com Souslov ?
- BASSOV - Não ... O que ? Eu te aborreci com alguma coisa ? Devo ter feito alguma coisa errada - é isso ?
- WÁRWARA - Não, Serguei. Nada. Vai.

BASSOV - Está bem, combinei com Souslov ir jogar uma partida...

Tanto tempo que não te aperto em meus braços, às vezes, tenho vontade de te beijar na frente de todo mundo. Não tem mal nenhum, não é mesmo? Afinal, , voce é minha mulher...

Mas o que é que voce tem? O que é que está errado?

WÁRWARA - Depois nós conversamos. Quando voce estiver com menos pressa. Afinal não é importante assim essa conversa... ou é?

BASSOV - Voce anda assustadoramente fria comigo... Não te compreendo... Bem, vou sair, agora... Me diz de verdade, voce não está doente está?

WÁRWARA - Não. Estou <sup>perfeitamente</sup> bem.

~~BASSOV - Não. Estou <sup>perfeitamente</sup> bem.~~

BASSOV - Acho que voce deveria se ocupar com alguma coisa. Voce lê demais. Todo excesso é nocivo.

WÁRWARA - Não se esqueça disso quando estiver bebendo vinho tinto com Souslov.

BASSOV . Que maldade. Wária! Sempre dando o troço. Há certos livros que são mais nocivos do que o vinho. Narcóticos perigosos. Os escritores modernos são todos uns neurotizados. Minha irmã já começa , já vai no mesmo caminho...Tenho certeza de que Caléria está louca. E ainda não publicou nada, imagina. Chalimov, ao contrário, é um homem espantosamente normal. Apesar do enorme sucesso. É calmo e modesto. Talvez um pouco calmo demais para o meu gosto... Não?... Quer saber de uma coisa - Caléria devia casar com Chalimov... Não seria magnífico? Ela começa a envelhecer perceptivelmente. E não se pode dizer que esteja ficando mais bonita.

WÁRWARA - Como é inútil tudo que voce diz, Serguei.

BASSOV - É? Bom, não tem importância . Fica entre nós. É exatamente o que eu desejaria; de vez em quando poder conversar bo-hagens com voce, assim...

(Sai. Wárwara se levanta e se aproxima de Vlas)

VLAS - Não consigo . Não vou conseguir de modo nenhum. Por maior boa vontade que tenha. Cara senhora, tenho uma triste comunicação a vos fazer; apesar do meu zelo mais ardente, encontro-me , infelizmente, diante da total incapacidade de poder cumprir, dentro do prazo pre determinado pelo senhor vosso esposo, a desagradável tarefa imposta por ele à minha precária inteligência...

WÁRWARA - Vou começar a te ajudar agora mesmo. Por que você desiste das coisas tão depressa ?

VLAS - Depressa ? Eu trabalhei o dia inteiro ! Das dez da manhã até às três no Tribunal, de três às sete cavalguei toda a cidade...

WÁRWARA - Sete anos como copista de documentos de um escritório de advocacia... Isso não é digno de você, Vlas...

VLAS - Voce acha que eu devia aspirar a alguma coisa mais elevada, não é mesmo ? Pintor de torres de igreja, serve ? ou mais alto ainda; copeiro de balão livre.

WÁRWARA - Fale sério , uma vez. Por que não arranja um outro emprego ? Alguma coisa mais útil , mas estimulante.

VLAS - Um momento, estímula senhora. Afinal de contas eu participo. Embora de maneira indireta, mas com excelente caligrafia, da guarda e manutenção da vaca mais sagrada da nossa ordem estabelecida ; a propriedade privada. E é isso que a senhora chama de atividade inútil ! Um pensamento perverso e subversivo !

WÁRWARA - Tem vézes em que, súbitamente , me vem a sensação de estar apodrecendo num cárcere. Tudo murado em volta , ninguém me escuta, ninguém me entende. Vou morrer asfixiada... Todos nós aqui vivemos sem austeridade, sem dignidade . Voce também , Vlas.

VLAS - Minha irrazinha , como voce é injusta. Eu caligrafo o dia inteiro para maior glória - e lucro ! do teu marido. Aí, de noite, pelo menos , acho que tenho o direito de me divertir um pouco.

WÁRWARA - Eu gostaria de ir embora - para qualquer lugar, não importa onde, onde pudesse viver e falar de outra maneira, onde pudesse fazer alguma coisa útil, qualquer coisa mais razoável, me compreende ?

VLAS - Sim, eu te compreendo. Mas voce jamais partirá pra lugar nenhum, Wária. ...

WÁRIA - Pode ser que parta. Pode ser... (Caléria chega ao terraço, vinda do exterior ).

CALÉRIA - Uma noite magnífica. É lua cheia. Há sombras densas e quentes. O dia nunca é tão bonito quanto a noite.

VLAS - A noite... A noite... Rô... Rô...

CALÉRIA - Ninguém nunca procura ninguém. É um fato linguístico - ninguém não existe.

CALÉRIA - Encontrei Rioumine. Está sentado à beira do rio, em baixo de uma árvore, atirando pedras dentro d'água. Falou muito de você.

WÁRWARA - Que é que ele te disse ? (Aproxima-se de Caléria)

CALÉRIA - Voce sabe muito bem.

WÁRWARA - Que história triste...

CALÉRIA - Para ele ?

WÁRWARA - Um ser... desastrado. Sempre faz o que não deve.

CALÉRIA - Antés' vocês eram mais ligadas, não ?

WÁRWARA - Éramos... Mas mudou... Isso mudou... Está me censurando ?

CALÉRIA - Oh, não, Wária, não !

WÁRWARA - Eu me esforcei ao máximo para desfazer a tristeza dele. Me preocupei de verdade com ele. Muito ! Até o ponto em que podia entender, sentir onde ele queria chegar... Aí ele partiu em viagem.

CALÉRIA - Quer dizer que voces nunca tiveram uma conversa de coração aberto?

WÁRWARA - Não.

CALÉRIA - O amor dele é igual a seu aperto de mão - mole e sem força. Sem paixão. Amor sem paixão é uma ofensa. A mulher. (Vai ao piano e toca) Será que ele tem alguma doença ?

WÁRWARA - Não. Nunca me pareceu... Acho que voce se engana. (Sacha se aproxima de Wárwara)

SACHA - Estive em casa de Maria Lwóvna. Ela já vem . Devo esquentar o samovar ?

WÁRWARA - Sim, por favor. Depressa. (Sacha sai)

(Poustobaika e Kropilkine atravessam o jardim. Fazem barulho com assobios e campainhas)

POUSTOBAIKA - É, chegamos cedo. Eu te disse que era cedo. Ninguém ainda foi dormir. O que é que a gente faz, agora ?

POUSTOBAIKA - Eu vou por aqui e você por ali, pelo caminho comprido...

KROPILKINE - Pra que ? Nós chegamos muito cedo, mesmo.

POUSTOBAIKA - Mas é exatamente para nos mostrarmos um pouco. Depois voltamos e vamos até a cozinha ver se Sachanos dá um copinho de vinho.

### CENA 31

(Olga entra rapidamente )

OLGA - Boa tarde, Caléria. Ah, Toca, toca. Não se incomoda por minha causa. Boa tarde, Vlas.

VLAS - Taaaaardi.

OLGA - Lá fora está sinistro. Parece que tem alguém escondido na floresta. Os apitos dos guardas me deprimem. Por que eles apitam?

VLAS - Estranho. Muito suspeito. Talvez seja contra nós que eles apitam.

OLGA - (Senta) Cirilo me evita, a mim e às crianças . Eu sei que ele está esgotado, precisa descansar. Eu sei. Mas eu também

OLGA - estou esgotada. (Caléria sai) Nada me sai bem. Tudo que faço sai errado. Isso me deixa louca. Antes eu era alegre e corajosa... e desejável. Sacrifiquei tudo a ele... Portanto ele tem que compreender ...

WÁRWARA - Olga, minha querida - voce acha que essas tuas eternas lamentações resolvem alguma coisa ?

OLGA - Eu não sei, quem sabe ? Vou dizer a ele que parto em viagem com as crianças.

WÁRWARA - Faz bem, faz, isso. Vocês têm necessidade de descansar um do outro, voce e Cirilo. Faz uma viagem, vai descansar num balneário com os meninos. Eu te arranjo o dinheiro.

OLGA - Já tenho tanta divida com voce...

WÁRWARA - Não vamos falar nisso agora, Olga.

OLGA - Me envergonho de não poder viver sem a tua ajuda. Me desprezo. Voce pensa que me é fácil aceitar o teu dinheiro - o dinheiro do teu marido ? Sem vergonha, é isso que eu sou, incapaz de viver, sempre a esmolar o auxílio dos outros... Se eu não tivesse filhos, há muito tempo já teria acabado com tudo. É estranho, algumas vezes sinto também ódio por voce... é, te odeio. Voce com esses seus ares sempre tão calmos, tão superiores.... Voce é fria, insensível...

WÁRWARA - Você... Olga... Que é que voce está dizendo ? Voce não devia se soltar assim, dessa maneira, com tal... impudor. Isso pode, de repente, te afastar totalmente de nós, minha querida.

OLGA - Não me interessa ! Pouco me importa me afastar de vocês. Quero sair dessa tortura. Quero viver. Eu não sou pior do que você. Não sou uma idiota - compreendo tudo. É, voce tem uma vida agradável. Teu marido é rico, claro que não tem muitos escrúpulos nos negócios, todo modo qualquer, Deus sabe qual, de não ter filhos...

WÁRWARA - Eu ~~arran~~jei o que ? Explica melhor o que voce quer dizer ?

OLGA - Nada , só isso. Quero dizer apenas isso... Meu marido me disse que tem mulheres que não querem filhos...

WÁRWARA - Se eu não conhecesse as suas dificuldades ! Se eu não me lembrasse que um dia nós duas , juntas, sonhamos tanto com uma vida melhor. Voce me feriu muito. Era isso mesmo que pretendia ?

OLGA - Pelo amor de Deus, não me fala assim. Me perdoa. Wária, me perdoa.

WÁRWARA - Isso não adianta nada. Vai embora.

OLGA - Para sempre, Wária ? Para sempre ?

WÁRWARA - Cala a boca. Eu não sei o que fiz para merecer isso. (Maria, Lwóvna entra ).

MARIA LWÓVNA - Boa tarde. Boa tarde, Olga. Como vão os meninos ? Wolka ainda está doente ?

OLGA - Devo ir embora Wária ?

WÁRWARA - Agora ! (Olga sai)

MARIA, LWÓVNA - Teu marido disse que você não está bem . O que é que voce tem ?

WÁRWARA - Estou contente por voce estar aí. Estou perfeitamente bem.

MARIA LWÓVNA - Deus seja louvado.

WÁRWARA - Não, não é não ! Não se pode suportar tudo sem jamais reagir. Não !

MARIA LWÓVNA - Voce está falando de que ?

WÁRWARA - Desculpe, estou pensando alto.

MARIA LWÓVNA - Voce brigou com Olga ?

WÁRWARA - Ela tem problemas terríveis em casa. Cada vez a suporto menos...

MARIA LWÓVNA - Gostaria de cumprimentar teu irmão.

WÁRWARA - Ele vai ficar contente.

MARIA LWÓVNA - Não vou incomodá-lo? Parece tão ocupado

WÁRWARA - Vai ter que passar a noite copiando os documentos de Bassev

WĀRWARA - Gasta os dedos até o osso à força de escrever mas não tem nada em que pensar enquanto executa essa tarefa estúpida. Você o ama muito ?

MARIA LWÓVNA - É... Acho que sim. Sim, ele me agrada, um pouco, às vezes é lamentavelmente idiota.

WĀRWARA - Não está seguro de si próprio. Não lhe falta nada. Mas nunca ninguém o amou de verdade. (Caléria entra. Vai ao piano e toca ).

MARIA LWÓVNA - Vou dar boa noite a ele, Wária.

( Wārvara se aproxima do piano. Maria Lwóvna vai para perto de Vlas, se curva sobre ele. O abraça. No exterior , Chalimov atravessa o jardim. Wārvara vai se sentar com Vlas e Maria Lwóvna. Chalimov aparece no terraço).

### III - FIM DE TARDE

(Youlia, Wārvara e Caléria sentada em tapetes, entre os cestos do piquenique, Garrafas de vinho , copos. Cantam).

CALÉRIA - Cada vez que me afasto de casa uma vaga esperança me domina-...Mas assim que volto, ela se desfaz... Vocês não tem a menor idéia do que falo...

YOÚLIA - Sabem que estou com uma vontade louca de rir ? Basta eu beber um copinho qualquer-loucura - qualquer !

CALÉRIA - Tudo é confuso... atrapalhado... angustiante ...

WĀRWARA - Angustiante o quê ?

CA LÉRIA- Tudo... Não se pode confiar nas pessoas.

WĀRWARA - Não se pode confiar... É , isso mesmo. Eu te compreendo.

CALÉRIA - Não. Você não compreende nada e eu também não te compreendo. Ninguém compreende ninguém. Vivemos nos falando sem nos compreendermos.

YOÚLIA - Então é melhor cantarmos alguma coisa juntas.

CALÉRIA - Uma cõlera cinzenta cresce em mim... Uma nuvem cinza de cõlera envolve meu coração. Eu não amo ninguém , não quero amar ninguém...

WÁRWARA - Pãra ! Acho isso triste demais!

YOÚLIA - Se eu fosse você me casava com Rioumine. Ele é um <sup>peço</sup> peço fora de prumo, mas afinal...

CALÉRIA - Parece feito de borracha...

(Chalimov e Bassov jogam cróquete )

BASSOV - Há muito tempo que voce não publica nada , Yákov. Está trabalhando em alguma coisa de maior envergadura ?

CHALIMOV - Falando francamente não escrevo coisa alguma. Escrever o que quando não compreendemos mais nada ? As pessoas são tão complicadas, tão impenetráveis.

BASSOV - Mas então ? Escreve isso ! Escreve ! eu não compreendo mais nada . O importante para um escritor é a sinceridade. Isso é o principal.

CHALIMO - Se eu fosse sincero sã tinha uma coisa a fazer ; jogar a pena no lixo , e ir pro campo plantar repolho. Mas, se eu quiser comer, tenho que escrever. Sã isso, Para quem? Eu não sei . É preciso ter uma visão clara de quem é nosso leitor. Quem é ele ? Com quem parece ?

Hã cinco anos atrás eu pensava conhecer o meu leitor, saber o que ele esperava de mim... É súbito, sem perceber como, eu perdi. Perdi mesmo. É isso.

BASSOV - Não sei o que isso significa , perder o leitor . Eu, nã a intelligentzia deste país, nã te lemos, continuamos te lendo. E não entendo como é que voce poderia nos perder, a nã.

CHALIMOV - Está certo, a intelligentzia. Não é dela que eu falo. Falo desses novos leitores de agora. O novo leitor é o que se discute em toda parte.... Quem é ele ?

BASSOV - Isso eu não sei.

CHALIMOV - Nem seu. Mas eu o sinto. Quando ando nas ruas, vejo rostos realmente especiais... e olhares, também. E aí eu digo; esses, esses não vão me ler. Eu não lhes interessam. Não precisam de mim - como não precisam do latim. Sou muito velho pra eles - e não os compreendo. O que é que eles querem ?

De que é que gostam? De que necessitam ?

BASSOV - Bom, é interessante. Mas acho que você deveria descansar um pouco, parar um certo tempo. Aí você reencontra o seu leitor o essencial na vida <sup>para</sup> preservar a tranquilidade e a calma - é o que eu acho. (Dirigem-se para o local de piquenique)

#### CENA 34

(Wárwara, Yoúlia e Caléria deitadas no tapete do piquenique, cantam)

WÁRWARA - Quando eu era mocinha, ao sair da escola, ia à lavanderia de minha mãe e ficava olhando as operárias. Trabalhavam meio nuas no vapor cinzento e sufocante, e cantavam baixinho, esgotadas. Elas gostavam muito de mim... Não tenho a menor idéia de porque isso me veio à cabeça, agora...

CALÉRIA - Meu Deus, como isso é sentimental, enjoativo. "A gente simples"...

YOÚLIA - Senhoras, nossa vida é um insulto ao bom gosto !

WÁRWARA - Isso mesmo, um insulto ao bom gosto, tem razão. Minha mãe trabalhou a vida toda. Que mulher corajosa ! A vida dela tinha muito mais sentido do que a minha. Não entendo nada de minha vida, nada. Me enganei de pessoas, acho que foi isso. As "pessoas cultas", é assim que nós nos definimos. Mas quanto mais eu vivo mais nossas atividades me parecem estranhas, absurdas.

WÁRWARA - Não conseguimos fazer nada com paciência. Não construímos coisa alguma, denegrimos tudo, apenas pelo prazer de destruir por superficialidade, Somos palhaços medíocres, dando cambalhotas num estrado de feira...

CALÉRIA - Por que voce não larga seu marido ? Ele é tão vulgar. Um pedante. O que é que voce acha nele ? Devia abandoná-lo. Vai embora , não interessa pra onde, procura participar das coisas . Apaixone-se por alguém . Mas vai embora, some !

WÁRWARA - Como é voce é brutal!

CALÉRIA - Mas, voce pode viver em qualquer lugar ! A miséria não te repugna. Voce ama Maíavadeiras.

YOÚLIA - Voce tem de seu irmão uma opinião bastante lisonjeira !

CALÉRIA - Quer que eu de também minha opinião sobre seu lindo marido?

YOÚLIA - Fique à vontade. Não vai me alterar absolutamente nada. Eu própria, comumente, o trato com essa espécie de lisonjas. E ele é muito cuidadoso na maneira como se refere a mim. No mínimo me chama de "puta imunda e engalificada".

WÁRWARA - E voce ? Que é que voce faz ?

YOÚLIA - Não faço nada. Nem sei mesmo o que é uma puta engalificada. Embora isso me dê uma vontade enorme de saber. Pois uma coisa eu devo a meu marido - foi ele quem despertou em mim o interesse pelos homens. Aquilo que, culturalmente, se chama "uma sede insaciável de saber"...

CALÉRIA - Brr ! A sordidez dos sentimentos. Nem os animais exibem tal comportamento.

YOÚLIA - Olho por olho, dente por dente. Não há como fugir. Já no sexto ano, no Liceu, so P professores me retalharam com olhares tão concupiscentes que eu ficava vermelha de vergonha. Lambiam os beiços, ostensivamente como gumes diante de um prato especial. ( Rioumine se aproxima rapidamente de Wárwara)

- RIOUMINE - Posso lhe falar um instante, Wārvara Mikhailōvna ? Não vou tomar muito o seu tempo.
- WĀRWARA - O que é que lhe pesa no coração, caro Pavel Sergueivitch?
- RIOUMINE - Vem lhe digo logo.
- WĀRWARA - Mas porque tanto mistério ?
- RIOUMINE - É preciso que eu lhe fale. (Wārvara e Rioumine se afastam).
- YOŪLIA - Ele ainda não acabou com isso ? Pensei que já tivesse desistido há muito tempo.
- CALÉRIA - Rioumine, esse detrito , essa lesma .-vejam sō - por toda parte onde passa deixa traços de gosma no caminho.
- YOŪLIA - Wāria é uma estranha em nosso meio. Sempre nos olha de cima. Que é ela que procura ? Eu gosto muito dela mas ela me dá medo. É pura, sem indulgência.
- (Rioumine e Wārvara na floresta )
- RIOUMINE - Eu... um minuto, por favor ! Eu... nós nos conhecemos já há tanto tempo.
- WĀRWARA - Quatro anos, não ? Como o tempo passa.
- RIOUMINE - Quatro anos durante os quais ...é quatro anos.
- WĀRWARA - E então ?
- RIOUMINE - Estou com os nervos à flor da pele... Não consigo me resolver , dizer tudo... simplesmente... Esperava que voce me ajudasse. Me compreende ?
- WĀRWARA - Eu ajudá-lo ? Com que propósito ?
- RIOUMINE - Pra me deixar , enfim, falar livremente . É uma coisa que eu sempre quis lhe dizer... E agora . Me compreendeu ?
- WĀRWARA - Não ... Que dia quente e bonito.
- RIOUMINE - É. Tenho a impressão de que amei toda a minha vida. Muito antes de nosso primeiro encontro, desde sempre, eu já a amava. Voce é a maravilhosa criatura de sonho, aquela que procuramos toda a vida e jamais encontramos. Mas eu, eu a encontrei... eu te encontrei.
- WĀRWARA - Pavel Sergueiwitch, vamos parar com essa espécie de conversa. Sō fará com que as coisas fiquem ainda mais dolorosas... Eu não o amo. Não ! Eu não o amo.
- RIOUMINE - Sei ! Mas tem que me permitir lhe dizer....
- WĀRWARA - Pelo amor de Deus, não !
- RIOUMINE - Sim... Não... E agora ? O que é que eu vou fazer, agora? Não existe tanto tempo esperado este instante, lutei contra mim mesmo até ter coragem de lhe dizer isso... E agora está dito.

WÁRWARA - Você bem podia ter duvidado um pouco...

RIOUMINE - Sim, eu sei, mas e a esperança ? Você compreende ?

A poderosa esperança. Creia-me , fiz depender deste instante o futuro de minha vida, coloquei todas as minhas expectativas em você, na sua atitude a meu respeito. E agora - não há mais esperança.

WÁRWARA - Ninguém tem o direito de me falar assim. Ninguém tem o direito de me fazer mal, Absolutamente não foi culpa minha...

RIOUMINE - E você, o mal que você me faz ? Uma grande promessa pesa sobre a minha alma. A promessa que eu não cumpri. Na minha juventude jurei a vida inteira por tudo que me parecia justo e honesto. E agora os melhores anos de minha vida já se foram e eu não fiz nada, nada. Comecei , prometendo fazer qualquer coisa, tudo meticulosamente pesado. Mas, sem me dar conta, me habituei a viver na tranquilidade, Depois comecei a proteger essa tranquilidade, sim, a me preocupar com ela. Sente como é terrível a minha franqueza?

WÁRWARA - Mas eu - o que é que posso fazer por você ?

RIOUMINE - Você tem que me ajudar.

WÁRWARA - Eu não posso te ajudar.

### CENA 35

(Doudakov e Olga atrás de uma moita)

DOUDAKOV - O negócio é que tudo vai mal entre nós dois... e, de repente , toda vez, essa reconciliação. Nós estamos consumidos, desgastados, perdemos tudo, qualquer coisa que se assemelhe e estima ou respeito mútuo. É que espécie de sentimento você tem por mim, agora ?

OLGA - Cirilo, querido, meu , idiota predileto, quer calar essa boca por favor? Eu te amo - eu te estimo !

- DOUDAKOV - Eu estou arrasado - me deixo levar, me deprimo diante da menor falta...
- OLGA - Esquece, agora...vem, vem...ééé...Eu te amo.
- DOUDAKOV - E tua histeria só faz piorar tudo.
- OLGA - É que não tenho ninguém ; só voce. Você e as crianças.
- DOUDAKOV - As crianças - é mesmo. Era isso que - nós queríamos , Olga ?  
Era com isso que nós sonhávamos ? Era mesmo ?
- OLGA - O que é que podemos fazer ?
- DOUDAKOV - O que é que eu devo fazer ? O que ?
- (YOÚLIA e Zamyslov se encontram na floresta ).
- ZAMYSLOV - Devíamos ser um pouco mais discretos, voce não acha ?
- YOÚLIA - Está com medo ?
- ZAMYSLOV - Medo - eu ? Tenho por trás de mim uma vida de privações, de humilhações. Atualmente vivo mais ou menos bem, sou meu próprio patrão. Mas se teu marido se aborrecer seriamente comigo, meu cargo está em perigo...
- YOÚLIA - Hoje, voce está de uma galanteria verdadeiramente impecável, meu caro. (Descobrem Olga e Doudakov) Que acontecimento, que cena comovente ! Um casal amoroso depois de tantos anos de vida em comum. Eu devia pedir a receita.
- ZAMYSLOV - Deverá estar preparando o quinto filho - ou será o sexto ?  
Duvido que voce seja capaz de chegar até lá, meu amor.
- YOÚLIA - Quem sabe ? No fundo do meu coração eu sou um ser normal  
Quando eu vejo a satisfação com que estão juntos eu me pergunto se não deveria voltar ao caminho da virtude.
- ZAMYSLOV - Já ? Parece que voce superestima a extensão de seus pecados, minha amiga. A mim me parece bastante modesta - por enquanto.
- YOÚLIA - Oh! Eis que fala a voz da sedução... Pois bem, se nosso romance de verão deve morrer de morte natural que ao menos seja cremado na fornalha de nossa paixão....

CENA 36

(Maria Lwóvna descansa numa rede. Vlas se aproxima )

VLAS - Está triste ?

MARIA LWÓVNA - Não. Não especialmente. Cansada. Um pouco.

VLAS - Cansada ? Cansada ? Quem está apaixonado não dorme-

MARIA LWÓVNA - Mas eu não estou dormindo.

VLAS - Nem também está apaixonado. Não está mais não. Apaixonada.  
...Apaixonada...

MARIA LWÓVNA - Vlas! , acho que se deve pronunciar essa palavra de manei  
ra inteiramente diferente (Vlas a abraça e beija) Não  
...por favor ! Não... Não posso, sai dai !

VLAS - O que é que foi ? Por que ficou assim... tão fria... de  
repente ?

MARIA LWÓVNA - Eu não estou fria. Estou vulnerável, fraca... Voce é  
velúvel, Vlas. Voce é jovem e tolo.

VLAS - O que ?... Não... Eu não te compreendo... Eu quero partir,  
ir embora com voce , pra longe desses patos faisandés  
inchados de vinho tinto, longe das minhas próprias macaqui  
ces e caretas repulsivas. Estou falando sério. Entende  
isso ?

MARIA LWÓVNA - Voce devia partir ! Aprender a conhecer uma outra vida.  
Tem tanta coisa importante a ser feita em nosso país e  
eu quero te ajudar. Voce não tem o direito de continuar  
dependente de ninguém, nem mesmo de mim. Tem que realizar  
sua própria vontade, tomar suas próprias decisões.

VLAS - Shhhhut !Silêncio!... Eu te amo. Não me fale como se esti-  
vesse numa distribuição de premios... Além do que voce  
está falando apenas para evitar as lagrimas . Voce não  
tem vergonha ? Eu creio que um grande, , um enorme amor  
é a única força relamente capaz de modificar um ser human  
no.

MARIA LWÓVNA - É pode ser, Vlas. Pode ser. Uma coisa que até agora ainda não me aconteceu. Nunca senti, por ninguém - como por voce... (Vlas e toma nos braços) Não...é preciso que voce me deixe, agora. É fundamental que voce pata. Vai, eu te amo imploro!

VLAS - Eu vou ficar demente - maluco ! Vou cair em cima deles, vou fazer em pedaços essa gentalha imunda um lobo ferido, eu vou...

MARIA LWÓVNA - Cala, Vlas, eu te peço. Fica calmo... (Vlas foge, rápido, Wárwara senta ao lado de Maria Lwóvna, na rede) Wária, querida, vem cá perto de mim.

WÁRWARA - Que é que voce tem ? Ele te ofendeu ?

MARIA LWÓVNA - Não ...quer dizer, sim... Ofendeu? Não. Ah, eu não sei nada.

WÁRWARA - Me conta: o que foi que aconteceu ?

MARIA LWÓVNA - Ele disse - disse que me ama. Me ama ! A mim. Não sou mais uma garota - olha meus cabelos brancos... Será que ele não enxerga ? Em outubro minha filha faz quinze anos. Deus do céu !

WÁRWARA - Gosto dessas pequenas rugas nos teus olhos. Voce é uma mulher ! Bela, inteligente . Eu te admiro.

MARIA LWÓVNA - Sou exatamente igual a todas as outras. Também não posso de uma criatura lamentável. Tenho medo, um medo paoroso.

WÁRWARA - De que ?

MARIA LWÓVNA - Eu o amo... Não me ache ridícula, Wária. Eu o amo. Nunca amei na vida. Meu casamento foi um suplício, do começo ao fim. E agora - tenho vergonha ... Tenho uma tal necessidade e de carinho, e de paixão também, é... Como isso é ridículo na minha idade ! Me ajuda ! Diz a ele que ele se enganou... Eu não quero mais humilhações...Fui infeliz tempo demais.

WÁRWARA - Minha querida, eu não te compreendo. Uma vez que voce o ama... De onde é que vem o medo ?

MARIA LWÓVNA - Ele é assustadoramente jovem. Em um ano estará cheio de mim , me mandará embora.

WÁRWARA - Não. Vlas precisa de voce. Só voce pode ajudá-lo. Voce fará dele um homem. Trabalharão juntos.

MARIA LWÓVNA - Ah, Mária , voce quer me forçar a acreditar. Minha cabeça está tão confisa.

WÁRWARA - Nós vivemos com excessos de prudência. Como somos covardes! Mais que os escrúpulos, temos é o medo de um futuro incerto. Não sei exatamente o que quero dizer. Talvez não tenha nenhum direito de falar dessa maneira. Não posso de uma mosca estúpida que gostaria de viver ao ar livre e fica o tempo todo batendo com a cabeça na vidraça. Gosto tanto de ficar junto de voce quando voce está contente. (Se afasta de Maria LWÓVNA)

CENA 35 37

(No gramado Rioumine barra a passagem de Wárwara)

RIOUMINE - Voce tem que me ajudar. Me ajuda a cumprir a promessa de minha vida. Voce tem que me dar a força e a vontade de trabalhar, de fazer qualquer coisa de importante !

WÁRWARA - Eu não posso. Não tenho como. Voce não ve ? - eu própria não sei o que fazer da vida. Vou à deriva, ano após ano, sem objetivo. Minha vida é essa inatividade febril. Lamentável, nojenta. Todos temos um medo pavoroso, nos agarramos uns aos outros gemendo e pedindo socorro...

RIOUMINE - Pois é, estou pedindo socorro,. Sou um homem fraco, ferido. Voce pode me ajudar: Basta querer.

WÁRWARA - Não , não é verdade. Mesmo se eu fosse forte, enérgica. Acredito que uma pessoa não pode se transformar senão com suas próprias forças, ou se tem essa força ou não se tem. Não quero falar mais nada... minha repugnância não para de aumentar.

RIOUMINE - Repugnância por mim ?

WÁRWARA - Não...Não...Não é em voce que estou pensnado, mas em nós todos. Inúteis, supêrfluos, Sinto , porém , com uma certeza absoluta, que muito breve, amanhã mesmo talvez, outros homens virão, fortes e corajosos. Homens que nos varrerão da terra como lixo imundo... Pavel sergueivitch, acredite , não posso fazer nada por voce.

RIOUMINE - Voce não pode me amar. Voce não quer me ajudar. Então eu lhe imploro: compartilhemos juntos a tortura e a volúpia do sofrimento.

Wárwara - Não ! Que é isso ? Basta ! Isso é demais ! Para de exhibir com tal indignidade a sua alma doente!

RIOUMINE - Não seja tão cruel. Apesar de tudo eu ainda sou um ser humano.

WÁRWARA - E eu ? Eu não sou um ser humano? Pra voce, sem dúvida alguma; sou apenas uma coisa, utilizável pra viver melhor. Isso não é cruel, então ? Creia , voce não é o único que traiu as propostas da juventude. Há milhares como voce , todos infiéis a seus juramentos...

RIOUMINE - Perdõe-me. Agora eu entendo. Pura e simplesmente cheguei tarde . É isso. Mas quero te dizer; esse Chalimov, meu Deus esse Chalimov! Ele também ...não é...lixo imundo ?

WÁRWARA - Eu te peço, paremos com essa conversa aqui mesmo, neste ponto , Pavel Sargueievitch. C htinuamos outra vez, quando voce estiver mais calmo. (Deixa Rioumine e sai. Souslov avança para Rioumine. Tráz uma garrafa e um copo.

SOUSLOV - Mentiras. Conversas. Tudo. à sua saúde, senhor filósofo. Eu conheço isso tudo. No passado me aconteceu também de filosofar um pouco, um dia. Intelligentzia, conservadorismo, de mocracia. Nada que não fosse mentira. O homem, por sua própria condição, é uma criança zoológica.

Portanto lhe é natural fazer caretas e emitir grunhidos, sem sentido. Ela adora comer, beber...beijar. Essa é a verdade. Toda a verdade. Só essa é a verdade. Chalimov, o poeta, é obrigado a botar frases no papel como uma galinha põe ovos. É pago pra isso. E Vlas, estúpido, jovem e crédulo...eu também o compreendo. Mas esse Zamyslov, esse patife, esse escroque desprezível... eu gostaria de arrebentar os dentes desse cachorro. Meteu Bassov nuns negócios sórdidos e os dois vão enfiar 20.000 rublos no bolso. Seja dita a verdade; a mulher de Bassov não sabe de nada, a orgulhosa Wãrwara ignora tudo. Ah, a incorruptível Wãrwara, que não consegue decidir com que amante fica...

RIOUMINE - Souslov, voce é um porco. (Sai rápido)

SOUSLOV - Vai, vai, voce nunca vai entender, miolo podre! (Kropilki-ne e Poustobaïka passam por ele) O que é que voce está olhando? Nunca viu um homem? Sai, sai da minha frente!

POSTOBAIKA - Sim senhor, já estou saindo.

SOUSLOV - O dinheiro controla o mundo. Besteira, o dinheiro não é nada... quando se tem. Todos os homens da terra mesmo os crãpulas - cagam de medo do que os outros pensam...

CENA 38

(Souslov dorme. Yoúlia se aproxima e o acorda)

SOUSLOV - Yoúlia :

YOÚLIA - O que foi ?

SOUSLOV - Senta aqui junto de mim.

YOÚLIA - Ah, sim, é a hora dos grandes sentimentos - depois da segunda garrafa. O vinho vai te arruinar , em todos os sentidos da palavra.

SOUSLOV - Chega mais pra perto.

YOÚLIA - Voce agora está com vontade de me apertar nos seus braços, não é isso ? Não é disso que voce tem vontade ?

SOUSLOV - Yoúlia - já tem tanto tempo...

YOÚLIA - Escuta, meu amigo - quer me fazer um favor ?

SOSULOV - Promete

SOUSLOV - Faço tudo por voce, minha querida.

YOÚLIA - Enfin, o que eu sempre esperei ! Que amor de marido !

SOUSLOV - Fala. O que é que voce quer ?

YOÚLIA - (Tira um revólver da bolsa) Vamos meter uma bala na cabeça voce primeiro , depois eu.

SOUSLOV - Para com essas brincadeiras estúpidas. Bota fora esse troço!

YOÚLIA - Não me toque ! Vamos ? Eu daria o tiro primeiro em mim mesma , mas permanecer unida com voce por toda a eternidade.

SOUSLOV - Yoúlia , voce não tem o direito de falar assim.

YOÚLIA - Como então ? Devo te dizer alguma coisa carinhosa como forma de adeus ?

SOUSLOV - Para !

YOÚLIA - Olha só, estou com o dedo no gatilho. É só um segundo.

SOUSLOV - Voce é o demônio ,. Não aguento mais isso. Vou embora...

YOÚLIA - Vai e eu te acerto pelas costas.

SOUSLOV - Voce me deixa louco. Por que é que me odeia tanto?

YOÚLIA - Voce ? nem dá pra odiar!

CENA 39

(no lugar principal do piquenique)

- ZAMYSLOV - Senhores e senhoras, temos que levantar acampamento. Já é tarde.
- BASSOV - Então, Yaska, passeio magnífico hein ? Lugar realmente perfeito. Viremos aqui todos os anos. Amo o meu pobre país , meu imenso extravagante país. Amo meu povo. Sou um panteísta , Yaska. Amo a tudo e a todos. Minha alma é profunda e sem limite, como o mar... Tome nota : alma profunda e sem limite, como o mar... Vinho, eu lhes peço, me dêem um pouco de vinho.
- CHALIMOV - Voce está dizendo bobagem. Toma cuidado para não se afogar. nesse seu grande mar interior:
- BASSOV - Não julgue para não ser julgado . Eu não falo pior do que voce. E voce, todo o mundo sabe, é um grande escritor. Olha, observa Maria Lwõvna , que mulher magnífica. Eu a venero.
- CHALIMOV - Serguei, voce se revela um espírito mesquinho e triste. Tem a menor idéia do que isso quer dizer - venerar uma mulher?
- BASSOV - De acordo. Voce tem razão. Também prefiro as mulheres que a gente não tem a menor obrigação de venerar. Elas são mais "fêmeas " - mais fáceis de montar.
- DOUBLEPOINT - Mas que disparates está dizendo esse aí ? Casado com uma ... Sim, só existe uma maneira de dizerd; uma rainha.
- BASSOV - Minha mulher ? Wária ? Ah, é uma purista. Uma puritana. Uma mulher realmente espantosa, uma santa. Mas lê demais , meu Deus, é uma coisa enfadonha. Sim, tem sempre a necessidade de seguir um modelo , não importa qual, não é mesmo ? Bebemos à sua saúde.
- CALÉRIA - Serguei, sei que isso te aborrece, mas , por favor; para imediatamente com essa bebeção . Voce sabe qã não suporte te ver bêbado.

BASSOV - Mas, irmãzinha, voce está me envergonhando, aqui, na presença de meus amigos. Bebi apenas um copinho.

ZAMYSLOV - É verdade. Dessa garrafa aí.

BASSOV - (A Chalimov) Conhece ? Minha irmã. Que homenzinho, hein? Voce devia conhecê-la melhor.

CALÉRIA . Ah, voce já está completamente bêbado...

BASSOV - Não, nem um pouquinho, cala a boca ! Voce precisa dar uma olhada nos poemas dela, cada um mais bonito do que o outro.

CHALIMOV (A Caléria ) - A sua "Edelweiss" me impressionou muito. Teria imenso prazer em conhecer outros escritos seus.

CALÉRIA - Toma cuidado pra que eu não o leve a sério. Tenho quatro cadernos, grossos assim, completamente cheios...

CHALIMOV - Se pensa que me mete medo... Pelo contrário...

CALÉRIA - Veremos.

DOUBLEPOINT - (A Yoúlia) - Alguém sentou no meu chapéu. Mas olha, está todo amassado ! Que porcaria, detesto gente que não respeita as coisas dos outros.

YOÚLIA - Meu tiozinho, não se aborreça tanto por tão pouco. O senhor pode muito bem se oferecer um chapéu novo.

DOUBLEPOINT - Eu não quero um chapéu novo. Adoro este treco velho.

YOÚLIA - Me dê, eu dou um jeito nele.

DOUBLEPOINT - Com cuidado, com cuidado. Voce não ama seu marido. Não é mesmo ?

YOÚLIA - Voce acha que ele é amável ?

DOUBLEPOINT - Então por que casou com ele ?

YOÚLIA - Ele se faz amável.

DOUBLEPOINT - E voce caiu no laço ?

YOÚLIA - Dizem que em certas tribus indígenas o homem, antes de escolher a mulher, lhe arreventa a cabeça a cacetadas. Entre nós, civilizados, esse costumes se usa depois do casamento. Também lhe deram cacetadas na cabeça. Maria Lwóvna.

MARIA LWÓVNA - Muitas .

YOÚLIA - Os selvagens são mais honestos, não é mesmo? (Vai embora)

MARIA LWÓVNA - O senhor ainda fica muito tempo aqui ?

DOUBLEPOINT - Fico. Falar a verdade é o que eu queria...

MARIA LWÓVNA - Mas...?

DOUBLEPOINT - Eu pretendia me instalar em casa de meu sobrinho. Porém não sinto da parte dele o menor entusiasmo pelo meu projeto . Ele não gosta de mim. De qualquer modo é uma pessoa sinistra. Não o compreendo. Quando penso que um dia herdará tudo que tenho, o sangue me sobe.

MARIA LWÓVNA - Pobre homem ! Se isso o deixa tão possesso por que não faz alguma coisa razoável com o seu dinheiro ?

DOUBLEPOINT - Razoável ?!

MARIA LWÓVNA - Consagre esse dinheiro a uma causa social. É isso o razoável .

DOUBLEPOINT - É mesmo... Já me aconselharam isso, uma vez. Mas era um liberal, um provocador , um humorista. E voce, o que voce faria com meu dinheiro ?

MARIA LWÓVNA - Temos necessidade urgente de mais escolas. De liceus. De liceus femininos e masculinos.

DOUBLEPOINT - Pobre homem, voce me disse. Dizem sempre que sou pobre de rico e eu me sinto apenas pobre ....Muito obrigado por ter me dito isso.

#### CENA 40

(Wárwara e Chalimov passeiam)

CHALIMOV - Seus olhso estão pequenininhos!.... Está cansada ?

WÁRWARA - Um pouco , sim.

CHALIMOV - Também, estou muito cansado. Muito . A companhia dessa gente aí me custa um esforço enorme. Algumas vezes eu a fico observando no meio da zoeira do grupo de seus amigos. Voce fala pouco mas seus olhares fazem perguntas angustiasas... O seu silêncio me fala mais do que as palavras.

WÁRWARA - Por que ?

CHALIMOV - Talvez seja desagradável que lhe fale assim.

WÁRWARA - Eu lhe digo. (Estende uma flor para ele) Aceita ?

CHALIMOV - Muito Obrigado. Vou conservar esta flor como souvenir de um belo gesto, espontâneo. Quando chegar em casa colocó-a dentro de um livro. Um dia abro esse livro e encontro a flor . Aí pensarei em voce... Acha isso sentimental ?

WÁRWARA - Continue.

CHALIMOV - Posso lhe oferecer meu braço ?

WÁRWARA - Muito obrigada. Eu prefiro que ...não.

CHALIMOV - A gente se torna muito amargo vivendo no meio de pessoas que botem a vida fora de maneira tão trágica.

WÁRWARA - Voce tem que viver a vida como ela se apresenta.

CHALIMOV - Eu não consigo. Não tenho nem a força de convicção nem a super estima de si mesmo que tem um professor. Sou um solitário. Incapaz de impor aos outros minhas idéias e minhas emoções. Incapaz de falar alto. Não tenho o direito de tomar partido. Quanto mais me afasto das pessoas mais elas ficam transparentes ! à minha percepção.

WÁRWARA - Compreendo -mas isso me deixa triste. É como se alguém muito chegado desaparecesse definitivamente dos meus sentimentos.

CHALIMOV - Estranho.

WÁRWARA - Como ?

CHALIMOV - Sinto uma grande necessidade de falar abertamente , sem máscara é voce quem provoca isso, é inegável. Voce me obriga a ser totalmente sincero.

WÁRWARA - Está lamentando ?

- CHALIMOV - (Beija-lhe a mão) - Quando estou perto de voce pressinto uma felicidade profunda que é desconhecida. Uma grande força emana de voce e penetra em mim. Sinto as primícias de uma nova, grande e única experiência que não poderia conhecer senão com voce... Se voce...
- WÁRWARA - Se eu?... Diz.
- CHALIMOV - Não vai zombar de mim? Quer mesmo que eu diga?
- WÁRWARA - Não sofra tanto assim. Eu o advinho. Voce não é um sedutor muito hábil.
- CHALIMOV - Voce não me entendeu.
- WÁRWARA - Como eu o amei, assim que li seus livros! Como eu o esperei! Voce...voce foi para mim aquele que compreende tudo que sabe o que se deve fazer para viver a verdadeira vida, Um dia, eu o ouvi, ouvi voce recitar seus poemas - eu tinha somente 17 anos e a partir dessa tarde a sua imagem brilhou no meu futuro como uma estrela, é, como uma estrela!
- CHALIMOV - Escute, me perdoe...
- WÁRWARA - Quando tudo era duro demais de suportar, eu pensava em voce e as coisas já iam um pouco melhor... eu esperei...
- CHALIMOV - Isso não é justo, Wária, minha querida, isso não é justo!
- WÁRWARA - Tua presença aqui me faz mal, mal físico. O que é que nos pode acontecer? Diga-me: é possível preservar a força da alma no mundo exterior, na vida em liberdade?
- CHALIMOV - Voce é como todos os outros... Com todos esses chavões estúpidos e pretensiosos sobre a vida de um escritor... Vocês sabem exatamente como ele tem que se comportar, falar... Por que? Por que exigir isso de mim? Que diabo, que personagem querem que eu represente? Sou um homem absolutamente normal, que trabalha pra ganhar seu pão. Não com as mãos, com a imaginação. Vocês todos vivem como bem entendem, mas eu porque escrevo histórias, só eu devo viver de acordo com o gosto de vocês, conforme certas normas. Com o que pretendem e o que sonham... Perdõe-me. Wárwara, fica com esta flor. Eu não mereço. (Wárwara fica só)

CENA 41

(No lugar principal do piquenique. Todos se reúnem para a partida)

CALÉRIA - Quero voltar pra casa. Vamos! Vamos ! Vem <sup>ai</sup> uma tempestade. Depressa !.

SOUSLOV - Uma tempestade ? Nem sinal.

CALÉRIA - Voce não percebe nada, é claro. É desses que caem no abismo com os olhos bem abertos.

DOUBLEPOINT - Sim senhor, é preciso abrir bem os ouvidos para ouvir quando ela fala. Tudo tem um sentido muito profundo , caro amigo.

OLGA - Estou terrivelmente cansada. Cirilo, meu amor , voce me leva ?

DOUDAKOV - O que, agora ?

OLGA - Foi ...maravikhoso ! Voce não tem . o direito de jamais esquecer essa nossa tarde..

DOUDAKOV - Nem voce suas boas intenções.

OLGA - Estou tão feliz , querido. Uma claridade enorme iluminou os nossos corações. Nunca mais a escuridão voltará a dominar as nossas vidas.

DOUDAKOV - Está bem, mas então acaba com essas frases pompeas, por favor.

ZAMYSLOV - Não, paremos de cantar . (A Kropilkine) Eh! Toda alguma coisa, ó mandrião. Para a partida. (A Rioumine) Então , o nosso piquenique , gostou ?

RIOUMINE - Piquenique ? Pensei que fosse um congresso de bruxaria . A natureza é maldita ! "Lá fora, na natureza livre..." Só mentiras e imposturas... Nós somos prisioneiros de nós mesmos...

CHALIMO - Não acuse a natureza, meu caro...

RIOUMINE - Ah, voce...voce !

CHALIMOV - A não ser esses horríveis mosquitos ! Onde será que botei a minha manta ?

WÁRWARA - Vlas, por favor, carrega teu gramofone voce mesmo. Sacha não está aí pra fazer isso.

MARIA LWÓVNA - (a Wárwara) - Quer me ajudar aqui ? Não consigo desarmar esta rede.

POUSTOBAIKA - (desarrumando o piquenique) - Oh, lá-lá. Como voces vomitaram tudo ! Um lugarzinho tão bonito ! Bosta em toda parte em que voces pisam, spo bosta. Voces emporcalham a terra toda.

BASSOV - Pena, pena, пена, pena...

YOÚLIA - Pra casa... Pra casa... " Com as armas da mulher " - O negócio é; que espécie de armas ?

SOUSLOV - Me dá teu braço , Youlia.

YOULIA - Apaga esse cigarro agora mesmo ! Não tenho a menor vontade de morrer num incendio na floresta.

ZAIÉRIA - Onde está minha boneca ? Vlas, voce escondeu minha boneca ? (Rioumine lhe dá a boneca) Voce ! Me dá isso '

RIOUMINE - Estava jogada ali, na gram a

CALÉRIA - Não é bom ela ser tocada por pessoas estranhas. Dá azar.

RIOUMINE - E se voce a tivesse perdió pra sempre ?

DOUBLEPOINT - Vem comigo. Vlas . Vou embora.

VLAS - O que ? Pra onde?

DOUBLEPOINT - Vou construir escolas. Liceus. Um para rapazes , outro para moças. Vou me associar com um arquiteto e formar uma empresa de construção. O que é que voce diz disso ?

VLAS - De que é que o senhor está falando ? Está querendo dizer que..?

DOUBLEPOINT - Isso mesmo. Pensa nisso. Claro que a idéia não é minha. Voce pode imaginar muito bem quem me empurrou. Heim, que me diz ? Nós precisamos de escolas.

VLAS - Ah! É mesmo. (Estão prontos para partir)

CENA 42

(Só BassoV ficou para trás. Wãrwara se aproxima )

BASSOV - Então, minha querida Wãrwara. Voce vê, estou completamente spzinho. Me deixaram sozinho e foram todos embora. É eles partem.

WãRWARA - Voce realmente bebeu um pouco demais. Mais uma vez, Serguei, ou uma vez demais ?

BASSOV - Vem, senta perto de mim.... Voce perguntou se tenho alguma bebida ? Toma, bebe um gole.

WãRWARA - Meu Deus, conhaque . Sabe o mal que isso me faz. E depois vai de novo se queixar do coração!

BASSOV - Não, eu quase que só bebi vinho do Porto... Não seja ruim comigo, minha querida... Foi mesmo um belo piquenique heim? De ve em quando é fundamental esvaziarmos nossa desênsa em benefício de todos, voce, não acha? Belo recanto, este aqui. Eu amo nosso país, a nossa gente... A cada dia que passa fico mais sentimental , eu que já de natureza sou tão sentimental.... Amo tudo e não detesto nada... Estranho...

WãRWARA - Exceto eu... A mim voce deve detestar , não é mesmo ?

BASSOV - Não, por que ? Às vezes voce é um pouco rude comigo ,só. A bondade do meu temperamento irrita as pessoas, eu sei bem como é ...

WãRWARA - Temos que partir Serguei.

BASSOV - Pena. Eu ainda ficaria um pouco sentado aqui com voce.

WãRWARA - Levanta, vamos.

BASSOV - Temos que olhar a vida na cara com os olhos assustados de uma criança, amistosamente. Aí tudo se resolve. Onde nós vamos ?... Por ali ? Bom. (Os veranistas tomam o caminho de volta).

IV - FIM DE NOITE

CENA 43

(Lampeões no jardim. Kropilkin e Poustobaika colocam as mesas nos lugares. Sacha arruma as mesas)

SACHA - As cadeiras também junto às mesas. As pesas mais perto uma das outras. Senão eu tenho o dobro do trabalho.

POUSTOBAIKA - Ela tem toda razão. Vai ter o dobro do trabalho. Porque isso daqui não é trabalho nosso.

KROPILKINE - Você tem razão quando diz que ela tem razão. Isso daqui não é nosso trabalho.

POUSTOBAIKA - Estamos até proibidos de trabalhar. Um guarda é feito para trabalhar do lado de fora, não do lado de dentro..

SACHA - Mas, e o vodka, vocês preferem do lado de dentro ou do lado de fora ?

POUSTOBAIKA - Bom ! mas se um guarda está do lado de dentro em suas horas de trabalho e tem o azar de acontecer alguma coisa do lado de fora...

KROPILKINE - Você tem razão. É por isso que devia até ser proibido um guarda trabalhar dentro no momento exato em que devia estar fora.

POUSTOBAIKA - Aliás devia ser e é.

KROPIKILNE - O que, já é proibido ? Mas veja só... e quem foi que proibiu ? Os dois guardas se retiram. Vlas e Caléria trazem cadeiras)

CALÉRIA - Viver com os pés na terra, solidamente. Isso quer dizer viver enterrado na lama até os joelhos.

VLAS - E você quer viver com os pés solidamente plantados nas nuvens não é mesmo ? Não há nada a lutar com nada disso, eu te garanto . Qual é o objetivo ? Manter no lugar certo a bainha do vestido ou conservar a alma pura e fria? Isso é útil pra alguém.

CALÉRIA - Pra mim. Eu sou útil a mim mesma.

VLAS - Errado. Não tem utilidade nem pra voce mesma. Voce só faz se prejudicar a si própria.

CALÉRIA - Ah! Vlas, já chega. Nós não conseguimos nos compreender.  
(Wärwara põe a mesa. Chega Olga )

OLGA - Voce ainda está zangada ?

WÄRWARA - Zangada ? Não

OLGA - (A Bassov e aos outros que preparam a festa) Voces ficam revoando por ai parecem as pombas no Dia da Ascensão.  
(A Wärwara) Wária , sei muito bem que voce está zangada. Mas foi só uma palavra estúpida que me fugiu , contra a vontade...Eu estava tão irritada...

WÄRWARA - Por favor, me deixa. Detesto amizades requentadas.

OLGA - Como voce é rancorosa. Como voce é cruel ! É preciso saber perdoar !

WÄRWARA - Nós perdoamos de mais. Pro franqueza, unicamente...  
(Doudakov chega )

DOUDAKOV - Ah! Voce está aí ? Te procurei por toda parte. Lá em casa está um caos. Berreiro e choradeira em toda a parte. Micha bateu na empregada. Diz que ela lhe puxou a orelha. É insuportável... Os meninos não querem ir pra cama. Vai lá e dá um jeito neles, Olga.

OLGA - Ah, os meninos ! E voce ? Por que voce não dá um jeito neles ? Voce só sabe fazer uma coisa: se poupar , o tempo todo !

DOUDAKOV - Eu? Eu faço isso ? Só Deus sabe o que tenho que aguentar. Nem sei mais onde descansar a cabeça. Que diabo são esses lampeões pendurados em toda parte ?

ZAMYSLOV - Calma, estimado doutor , calma. Está convidado a uma esfusante festa de verão ! Divirta-se ! Esqueça se dos seus pequenos dissabores cotidianos. Meu patrão oferece um jantar de despedida em honra do titio Doublepoint. Ele nos deixa amanhã de manhã.

DOUDAKOV - De verdade ? Já vai embora ? E por, que ? Eu não estou informado, infelizmente. Há alguma coisa de especial no cadápio.

ZAMYSLOV - Tshiiiu ! ; Segredo . Vai ser uma surpresa.

(Caléria está sentada sozinha numa mesa )

CALÉRIA - Um homem que acredita ter descoberto a verdade, a meus olhos é um homem morto.

#### CENA 44

(Maria Lwóvna fala a Vlas, em voz baixa )

MARIA LWÓVNA - Quando voce parte ?

VLAS - Não vou mais. Fico aqui.

MARIA LWÓVNA - Não. Isso, não ! Voce vai embora, e logo! Não seja covarde, eu te peço , nem tímido. Voce vai trabalhar . Encontrar seu próprio caminho. Voce é forte, inteligente, e eu te amo , sim, eu te amo.

VLAS - Isso é que eu não compreendo , não consigo compreender. Por que voce me afasta ?

MARIA LWÓVNA - Eu não te afasto... De-me algum tempo, Vlas... É preciso que eu me reorganize a minha vida. Me ocupe de meus pacientes, dos meus alunos, dos meus camaradas de ... ta. Não posso viver só pra mim mesma, compreende?

VLAS - Mas nao pretende ser um obstáculo. Quero te ajudar no teu trabalho.

MARIA LWÓVNA - Não. Não. Eu não conseguirei senão te amar cada vez mais, cada vez mais forte. Meu coração, meu amor... Esquecerei tudo o mais em volta. E isso, ah, eu não tenho direito a isso.

VLAS - O que é que eu devo fazer ? Tenho medo, como um menino. Não quero te perder:; tenho medo.

MARIA LWÓVNA - Isso passa logo. Uma dor rápida, não é assim tão terrível. Muito menor de que a que... viria, se ficássemos juntos, as torturas, quando tudo termina na humilhação e no ridículo...

VLAS - Meu amor. Meu maravilhoso amor.

(Maria Lwóvna abandona Vlas, rapidamente. Bassov, que observava a cena, se aproxima dele ).

BASSOV - E agora ?

VLAS - Cala a boca ! Cala a boca ! Nem uma palavra ! Eu não permito ! (Foge)

(Souslov se aproxima de Bassov com uma garrafa e copos)

BASSOV - Meu Deus, sabe que ele me dá medo ? Engraçad...

SOUSLOV - Perde totalmente a tramontana,... Fica completamente fora de si...

BASSOV - Perigoso, maluco. Parece uma mulher na menopausa. Como essa que acabou de o despedir. Também foi dura com voce, não foi ?

SOUSLOV - Fez tudo para me prejudicar . Imagina: ~~pe~~ persuadiu meu tio a ~~colocar~~ colocar tudo que tem em maluquices sociais.

BASSOV - O que ? Que loucura.

SOUSLOV - É, Serguei, mas eu não vou tolerar uma coisa dessas !

BASSOV - Voce quer dar queixa ? Um processo, por que não ? Um embargo. (Yoúlia chega correndo e rindo)

YOÚLIA - Piotr - advinha o que aconteceu ?

SOUSLOV - Diz logo ! O que foi ?

YOÚLIA - Um trabalhador da tua obra está lá em casa. Tremendo da cabeça aos pés. Parece que alguma coisa desabou em algum lugar.

SOUSLOV - Ah, bobagens . (Sai)

BASSOV - Resolve isso depressa, Piotr. Não via perder o jantar. Minha estimadíssima Yoúlia, devo te informar que nossa

- BASSOV - tranquila residência de verão se transformou num sombrio ninho de amor. Um verdadeiro cruzamento de paixões. Teu marido e eu chegamos aqui com a alma em paz e que é que se nos deparou diante dos olhos? Maria Lvóvna e Vlas, nosso humorista, a ponto de...
- WÁRWARA - Perdão, Serguei, vem cá um instante. (Leva Bassov a um canto) O que é que voce está contando agora? Voce me jurou que ia conter a língua.
- BASSOV - E voce me disse que isso não era uma ligação. Bem, se isso não é uma ligação....
- BASSOV - E voce me disse que isso não era uma ligação. Bem, se isso não é uma ligação...
- WÁRWARA - Como voce é vulgar e repugnante!
- BASSOV - Ah! Me deixa em paz, por favor! A pessoa nem pode mais se aproximar de voce. Cada palavra que se diz demais.
- WÁRWARA - É. Voce devia falar menos. Sobretudo escutar o que se diz de voce.
- BASSOV - De mim? O que, por exemplo? Não, estou acima desse gênero de intrigas. Que inventem o que bem entenderem. O que me espanta é que justamente voce, minha mulher...
- WÁRWARA - A honra de ser tua mulher não é tão grande quanto voce imagina...
- BASSOV - O que é que quer dizer isso Wária?
- WÁRWARA - Estou dizendo simplesmente o que penso...
- BASSOV - Gostaria que voce dissesse bem claro e bem limpo o que realmente pensa. Por favor....
- WÁRWARA - Está bem. Mair tarde.

CENA 45

(Todos estão sentados em volta das mesas, Doublepoint chega com presentes)

DOUBLEPOINT - Que Deus realize os vossos desejos caros amigos . Boa noite.

ZAMYSLOV - Enfim, o senhor é o último a chegar !

BASSOV - Um pequeno souper de despedida, estimado Semione Semionovitch. Um máximo de simplicidade. Quase que só o pretexto para bebermos juntos uma taça de champagne. Sacha a champagne! Depois , senhoras e senhoras, mandarei servir umas salsichas, nada mais que isso. Mas são excelentes me presenteadas foram por um cliente da Ucrânia...à saúde de todos !

DOUBLEPOINT - Estou profundamente comovido. Muito obrigado. Wárwara Mikhailóvna lhe trouxe alguns docinhos...

WÁRWARA - Obrigada.

DOUBLEPOINT - Gostaria tanto de ter um retrato seu ! A senhora não tem uma fotografia , qualquer uma ?

WÁRWARA - Espere um pouco. Eu vou ver. (Ao sair, a Vlas). Que é que voce tem Vlas ? Está tão nervoso...

VLAS - As coisas não são nada bem, irmãzinha, nada bem mesmo.

DOUBLEPOINT - (Distribui os doces. Trouxe doces e bombons para todas as damas. Para que não guardem uma mã lembrança de mim. Pois eu ainda gostaria de ser amado pelas senhoras. Mas sei que é impossível ! Amanhã eu parto e em vinte e quatro horas todas terão esquecido o velho imbecil que eu sou.

YOÚLIA - Ah, não , senhor Doublepoint, de maneira alguma ! O seu sobrenome é inesquecível.

DOUBLEPOINT - Só isso ? Eu lhe agradeço de qualquer maneira. Sempre é alguma coisa.

CENA 46

(Caléria e Chalimov sentados a uma mesa )

- CALÉRIA - A vida de todo homem que reflete é uma catástrofe. Não concorda ?
- CHALIMOV - É verdade - refletir traz problemas. E nossos tempos já não são dos menos problemáticos.
- OLGA - (Passando) O outono vai chegar depressa. Voltaremos à cidade e nos fecharemos de novo em nossas fortalezas individuais, nossas casas de pedra. E aí seremos ainda mais estranhos uns aos outros.
- CHALIMOV - Diz aqui...
- CALÉRIA - Sim.
- CHALIMOV - Com toda franqueza: meus últimos trabalhos realmente te agradaram ?
- CALÉRIA - Ah, muito ! Pode acreditar . São delicados e cheios de calor, envolvem a alma como nuvens envolvendo o por do sol. Poucas pessoas serão realmente capazes de entendê-lo. Mas essas o entenderá ! apaixonadamente.
- CHALIMOV - Obrigado... Voce é muito boa. Não quer me mostrar os seus poemas ?
- CALÉRIA - Quero. Mais tarde.

CENA 47

(Yóúlia e Vlas cochicham)

- YOULIA - Toma cuidado, Vlas , o teu patrão anda espalhando histórias sobre voce e Maria Lwóvna...
- VLAS - Esse porcalhão. Esse esponja de vinho ! Se não fosse marido de minha irmã...
- YOÚLIA - Tshiuuuu ! Cala a boca !
- DOUBLEPOINT - (Juntando-se a eles ) - E agora , tio Vlas, o que fazemos ? Vamos embora ?
- VLAS - O mais rápido possível.

DOUBLEPOINT - Mais uma noite sô, e vamos. Se pudéssemos meter a tua irmã no golpe seria uma maravilha. Ela não tem nada a ganhar ficando aqui, essa é a verdade.

VLAS - Ninguém tem nada a ganhar ficando aqui.

CENA 48

(Chalimov e Caléria, depois de uma pausa na conversa)

CALÉRIA - Ou agora mesmo, se voce quiser... Agora mesmo ?

CHALIMOV - Perdão - agora mesmo ?

CALÉRIA - Já esqueceu ? Tão depressa ...

CHALIMOV - Queira me desculpar... O que ?

CALÉRIA - Voce queria ler os meus poemas. Quer ler, agora mesmo ?

CHALIMOV - Oh, quero, com imenso prazer. Voce está enganada. Eu não tinha esquecido. Não entendi sua pergunta.

CALÉRIA - Então eu vou buscar. Embora, estou certa, não tenham o menor interesse pra voce. (Caléria entra na casa. Vlas assobia sozinho)

CHALIMOV - Não é verdade! Creia que não é. (Aproxima se de Vlas)  
Está sonhando ?

VLAS - Assobiando.

CENA : 49

(Wárwara tras uma fotografia para Doublepoint)

WÁRWARA - Pronto, está aqui a foto. Quando é que o senhor parte ?

DOUBLEPOINT - Amanhã bem cedo. Obrigad pela dedicatória. Ah, cara, caríssima amiga, pode crer que tenho uma enorme afeição pela senhora.

WÁRWARA - Por que isso ? Não entendo.

DOUBLEPOINT - Por que ? Isso vem naturalmente, sem razão. O verdadeiro amor é como o sol no céu. Ninguém pode explicar como ele se mantém lá sozinho.

WĀRWARA - Eu não sei nada.

DOUBLEPOINT - Nem tem que saber ; bem seu irmão decidiu ir embora comigo.

WĀRWARA - Decidiu?-...Fico tão contente ! Por favor , leve-o mesmo consigo. Já tentei persuadí-lo tantas vezes, em vão... Ah, eu lhe agradeço tanto.

DOUBLEPOINT - Venha também conosco, Wārvara Mikhailōvna. Tenho uma velha casa, dez aposentos imensos, todos vazios. Quando se espirra o ruído ressoa em toda a cidadela. E no inverno, quando a tempestade de neve uiva , oh... é verdadeiramente lúgubre, ficar sozinho nessa casa enorme não é propriamente uma perspectiva alegre.

WĀRWARA - Mas o que é que eu vou fazer na cidade ? Não sei ainda nada, não aprendi a fazer nada.

DOUBLEPOINT - Então, está na hora. Vlas e eu vamos construir escolas.

RIOUMINE - Ah, são escolas que vocês vão construir ? Esplêndido. Isso dará significado à vida de vocês. Durante um ano ou dois. Também acreditei , um dia, que o objetivo de minha vida era ajudar a juventude a adquirir uma educação razoável. É, partam ! Vão construir as tais escolas... E aprenderão que não há nada a aprender nas escolas , nada sobre os verdadeiros mistérios da existência.

DOUBLEPOINT - Voce é uma ave agourenta. Deixe-me colocar alguma coisa sólida em baixo dos meus pés, pela primeira vez na vida

SOUSLOV - (Chegando) - Yoúlia, posso te falar um instante?

YOÚLIA - O que foi que houve.

(Souslov afasta-se com ela)

RIOUMINE - Para que a vida tenha sentido, é preciso criar uma obra poderosa, alguma coisa que ultrapasse a nossa existência aqui na terra uma obra, cujos traços não desapareçam com o passar dos séculos. É preciso construir um templo, não importa a que Deus.

WÁRWARA - Pavel Sergueiévich, isso que voce diz não tem o menor sentido.

RIOUMINE - É, eu sei, é um monsenso, frases, palavras mortas. Falo no vazio, como sempre. Nem sei mesmo porque, aliás, ... Talvez porque o outono está aí, chegando... Vã embora, Wárwara Milhailovna, nos anadone de uma vez por todas e não derrame lágrimas ao partir. É um desperdício. Não valemos a pena.

WÁRAWARA - Voce está com um humor sombrio. O que é que voce tem ?

RIOUMINE - Nada. Pode acreditar. Absolutamente nada.

#### CENA 50

(Todos reunidos em volta das mesas, Yoúlia se junta a eles )

YOÚLIA - Ouçam; caiu um muro na prisão que Piotr está construindo. Dois operários morreram soterrados.

SOUSLOV - E isso te diverte, naturalmente !

WÁRWARA - O que? Onde foi que isso aconteceu ?

DOUBLEPOINT - Felicitações ! Imbecil! Voce esteve no canteiro de obras pelo menos uma vez ?

SOUSLOV - Claro que estive ! Mas o empreiteiro é incapaz !

YOÚLIA - Ele mente. Nunca pôs os pés na obra, nem mesmo uma vez. Não tem tempo, é claro.

DOUBLEPOINT - Voce devia ser açoitado em público. Que espécie de homem é isso ? Se entendia de tempo todo não fazendo nada e nunca tem tempo de fazer coisa ; nenhuma.

SOUSLOV - Muito bem. Vou meter uma bala na cabeça. Vou fazer alguma coisa.

RIOUMINE - Não vai não, tenho certeza.

SOUSLOV - Quem sabe ? Não duvido. É só um instante. Um dedo no gatilho. Dang!

MARIA LWÓVNA - Mas, Piotr Ivanovitch, e os dois operários soterrados?

WÁRWARA - Eles morreram ?

SOUSLOV - Não sei. Eu não sei nada (Vou lá amanhã)

VLAS - Repulsivo.

- SOUSLOV - Pirralho, cuidado !
- WÁRWARA - Meu Deus, como somos indiferentes. Fartos e indiferentes, às vezes acho que todos os sentimentos estão mortos em mim. Só meu raciocínio me diz que ainda vivo.
- ZAMYSLOV - Somos todos seres excessivamente complicados, Wárwara Mik hailovna. Nosso psiquismo é demasiado complexo, precisamente porque acima de tudo, fomos dotados de raciocínio. Essa complexidade mesmo é que sempre foi um sinal distintivo da intelligentziada classe dirigente de nosso país.
- WÁRWARA - Intelligentzia ? Não somos nós. Nós somos outra coisa. Somos veranistas em nosso próprio país... Não pertencemos a lugar nenhum. Corremos em todas as direções, satisfeitos com algumas realizações absolutamente medíocres... Não fazemos nada. Falamos. Falamos, falamos.
- BASSOV - Você mesma é a melhor prova da justeza de suas palavras.
- WÁRWARA - E em todas nossas conversas rastejam as mentiras mais mesquinhas. Tentamos esconder uns dos outros a nossa miséria espiritual, nos protegemos com belas frases e muita sabedoria livresca lida ao acaso. Falamos do trágico da vida e nem sequer sabemos o que é a vida. Nos lamentamos, brigamos, choramos, gememos....
- RIOUMINE - Oh, Wária, não duvida jamais da criatura que se lamenta... Você prefere que eu arrebente mas engula os meus gemidos?
- WÁRWARA - Já há lamentos demais, Pavel Sergueiévitch. Devemos ter a coragem de nos calar. Quando estamos satisfeitos, enntemos facilmente a nossa língua. Cada um saboreia egoisticamente a sua pequena fatia de alegria. Mas basta o mais ínfimo arranhão em nossos corações e nos precipitamos para a rua pedindo socorro, exibindo a todo o mundo a nossa angústia. Como jogamos na cara dos outros a imundície moral de nossas almas. Estou certa de que centenas, milhares de pessoas sadias ficam doentes porque nós a envenenamos com nossas queixas e lamentos ? Mas quem nos dá o direito de

WÁRWARA - enojar e torturar os outros com o espetáculo de nossas chagas abertas?

VLAS - Bravo Wária ?

DOUBLEPOINT - Raios me partam, que diabo de mulher inteligente.

RIOUMINE - Eu exijo a palavra uma vez mais. Permita-me será minha última palavra...

CALÉRIA - É preciso ter a coragem de calar a boca.

OLGA - Que tem arrasador, assim de repente, e que coragem ! Hei !

BASSOV - " E aí o Senhor deu a palavra à jumenta , e a jumenta disse a Balaão..." (Se interrompe. Olha em volta. Todos congelam")

#### CENA 51

(Poustobaika e Kropilkine no seu giro de guarda)

KROPILKINE - O que é que eles fazem ?

POUSTOBAIKA - Se insultam . Se insultam sempre antes de encher a barriga

KROPILKINE - Mas o que eles tem dá pra todos encherem a barriga.

Não precisavam se insultar.

POUSTOBAIKA - Mas eles não se insultam por causa de encher a barriga.

Eles se insultam antes de encher a barriga.

POUSTOBAIKA - Enquanto enchem a barriga , enchem a barriga.

KROPILKINE - Compreendo. Exatamente como nós. Mas se insultam antes de encher a barriga, sem nada de nada...

POUSTOBAIKA - Mas eu não estou fazendo nada. O que é que eu estou fazendo?

POUSTOBAIKA - Nada, justamente. Diz besteiras.

KROPILKINE - Mais do que voce ? Duvido.

POUSTOBAIKA - Cala a boca.

KROPILKINE - Por que ? (Contiam na ronda).

(O "congelamento" começa a se desfazer)

WÁRWARA - Acho que acabei de dizer laguma coisa... Sem dúvida fui grosseira... Voces todos estão tão estranho.

VLAS - Não foi voce quem foi grosseira...

MARIA LWÓVNA - Vlas, eu te peço, não. (Pega na mão de Wárwara) Acho que Wária disse alguma coisa muito justa. Devemos nos transformar completamente. É isso. Nós todos - quem somos nós ? Filhos de lavadeiras, de cozinheiras, de operárias. E que fazemos ? Morremos de tédio de aborrecimento. Isso não é inacreditável? Jamais hpuve em nosso país tanta gente culta saída das massas populares. Nós sahemos como essas criaturas se matam, dia apõs dia, ano apõs ano, sufocadas na sombra e na miséria - E nós somos ligados a elas pela carne e pelo sangue ! Temos que manter viva em nós essa ligação. Temos que estimular o ímpeto natural de os ajudar, de libertá-los dessa prisão imunda e da ampliação e luz à vida deles! É , temos que ajudá-los porque eles têm direito a isso, porque isso é nossa vontade ! Por nós mesmos ! Para não morreremos petrificados nesta maldita solidão, para não sentirmos mais a vertigem diante do abismo que nos separam deles, nós aqui, na altura fria e luminosa de nossa monumental sabedoria e eles lá, nas profundezas sem luz e sem conhecimento de onde nós contemplam como inimigos que somos, aproveitadores do suor do seu trabalho. Eles nos enviaram apenas como uma vanguarda; para abrir o caminho que lhes permitirá uma vida melhor. Mas nós nos afastamos deles, os perdemos de vista, nos perdemos numa solidão na qual não fazemos senão examinarmos o próprio umbigo o tempo todo - nós , nessas neuroses, nossas mesquinhas amarguras. Aí está , eu acho , a causa de todo o nosso drama interior. Somos os punicos responsáveis e merecemos bem nossa tortura. Não temos o menor direito de queixar-nos. É. Wária, nenhum direito de gemer, absolutamente nenhum...

CHALIMOV - Voce já terminou , Maria Lwóvna ?

MARIA LWÓVNA - Já.

DOUDAKOV - É... perfeitamente. É isso mesmo, é a verdade.

DOUDAKOV - Não se meta nisso, Cirilo... Bassoov foi verdadeiramente odioso.

DOUDAKOV - ...o Bassoov ? O que foi que ele fez, Bassoov? Ah, voce nem sabe do que é que está falando.

OLGA - Cala a boca ! Claro que sei ! Wárwara foi desagradável e ele a chamou de jumenta.

DOUDAKOV - Ah, bom, então, sim. Foi uma grosseria.

OLGA - Não, foi bem merecido. Wárwara está de uma arrogância insuportável.

CHALIMOV - Caléria, voce não quer nos recitar uns versos? Acho que um pouco de poesia faria bem a todos nós, neste momento...

RIOUMINE - Também acho.

DOUDAKOV - É melhor voce pra casa, Olga.

OLGA - Não. Eu fico ainda. Caléria vai recitar uns poemas.

ZAMYSLOV - Posso acompanhá-la ao piano?

CALERIA - Não estou em estado de ler versos. Não sinto. E esse subitito interesse pela minha poesia absolutamente não é sincero. Prefiro não ler.

BASSOV - Ah, que é isso? Lê logo! Não se faz de rogada!

CALERIA - Não!

VLAS - Senhores e senhoras! Nesse caso sou eu que vou apresentar um pequeno resumo de minhas obras completas. Vou lhes provar como é fácil manobrar a mente das pessoas com o auxílio da poesia. Solicito a vossa generosa atenção para o meu pequeno número.

MARIA LWOVNA - Vlas, por favor! Pára de bancar o palhaço.

DOUBLEPOINT - Vamos embora, meu jovem amigo.

WARWARA - É realmente necessário, Vlas?

ZAMYSLOV - Fundamental! Se é divertido é fundamental!

VLAS - Crocodilos anões, repugnantes,  
Rastejam no pendão do meu país,

- choramingantes.

Procurando um lugar, um buraco,

Uma guarida,

Onde consigam se ocultar da vida.

Acabam no governo,

Em cômodas repartições

Onde ganham mais do que patrões

Chegada a noite, no conforto,

Os choramingões

E vaidosos, suficientes

Espalham opiniões.

Que meta tem na vida

Essa gente carcomida?

A intriga.

O conforto.

A barriga.

Moral:

Ganham bem.

Dormem mal.

E reclamam sem cessar.

Esse bando sem vergonha

Tem que terminar.

DOUDAKOV - Aí! Acertou na mosca! É a verdade verdadeira, a cuspida  
final!

YOLIA - Perfeito! Bravo! Gostei muito.

DOUBLEPOINT - Epa! Ele nos acertou uma na cara e outro no baixo ventre!  
Que Deus seja louvado.

GALERIA - Como é que se pode ser tão agressivo? Por que? Com que  
intenção?

CHALIMOV - Voce gostou, Serguei?

- BASSOV - Eu ? É, bem, por que não ? Embora , do ponto de vista ritmico não seja lá nenhuma obra-prima...
- YOULIA - (A Chalimov) Que talento voce tem pro fingimento !
- ZAMYSLOV - Um pouco sério demais, como divertimento, e nada divertido como...
- SOUSLOV - Talvez se possa agora permitir a um dos crocodilos responder a essa - perdão, me desculpem, mas não sei como classificar esse gênero de poesia... E, para ser direto, me dirijo logo à musa do poeta em questão - Maria Lwóvna.
- MARIA LWÓVNA - A mim ? Estranha. Está bem; eu escuto.
- VLAS - (A Souslov) Evito ao menos a vulgaridade.
- YOULIA - Isso é mais forte do que ele !
- SOUSLOV - Voce, Maria Lwóvna , voce é uma mulher que tem, como se diz, um engajamento social. Voce trabalha, só Deus sabe onde e só Deus sabe com que misteriosos meios, a favor de - parece uma causa heróica destinada a mudar os tempo. Não tenho nada com isso. Mas voce acredita que essa nobre atividade lhe confere o direito de olhar do alto os outros seres humanos, criticando -os sempre e de todas as formas. Procura influenciar a todos...
- MARIA LWÓVNA - Absurdo. Isso não é verdade.
- SOUSLOV - E ô que voce fez com esse pobre rapaz ?
- VLAS - Voce não tem absolutamente nada com isso.
- SOUSLOV - Calma, rapazinho, calma ! Até hoje tenho suportado em silêncio as suas provocações. Agora quero lhe dizer só umaccisa; se não vivemos de maneira um pouco mais útil ,Maria Lwóvna, talvez tenhamos nossas boas razões. Nós somos todos filhos de de pequenos burgueses, de gente modesta, nós todos passamos fome. Quando éramos jovens nós estávamos todos na oposição. Mas quando se fica adulto é natural que se dê alguma importância a comer bem, à fartura, a beber, viver em paz.

CHALIMOV - Desculpe interromper... Mas quem é nós?

SOUSLOV - Nós é voce, e eu e ela, nós todos... Em primeiro lugar está o homem, honorável Maria Lwóvna, e só depois vem todas as suas idéias sedicicias. Em todo caso não é nos insultando e jogandô á juventude contra nós que voce ganhará adeptos para suas causas sociais

DOUDAKOV - Que cinismo! Chega ! Cale-se!

SOUSLOV - Bom, nesse caso eu falo em meu nome. Sou um homem médio, Maria Lwóvna, um cidadão médio, nada mais. E tenho orgulho disso. Vivo como quero. Cuspo nas suas parolagens, nas suas proclamações... nos seus... ideais !

VLAS - (Bota a cabeça entre as mãos ) Que diabo me carregue ! Que o diabo me carregue !

RIOUMINE - Voce vê, está vendo agora ? A verdade não é agradável de ouvir.

YOULIA - Meu Deus, mas isso é pura e simples histeria. Cara Maria Lwóvna, ele a ofendeu ?

MARIA LWÓVNA - Não. Acho que ele ofendeu a si mesmo.

DOUBLEPOINT - Muito bem, uma reunião encantadora. Realmente encantadora!

ZAMYSLOV - E voce, não se sentiu agradida ?

YOULIA - . Em absoluto.

ZAMYSLOV - Que pena, que pena. Depois disso acho que só uma rodada de salsichas da Ukrânia.

DOUDAKOV - P abcesso foi lancetado. O pus da alma jorrou. Tinha que acabar assim. Mais dia isso tinha que acontecer a cada um de nós. Mais dia menos dia tinha que sair, o carnegão.

OLGA - Oh! Cirilo, nós dois temos que nos amparar mutuamente. É um lugar verdadeiramente perigoso este aqui.

DOUDAKOV - Eu disse pra voce ir pra casa, há muito tempo...

OLGA - Agora mesmo ! Ainda vai acontecer alguma coisa pior. Olha, Wárwara está mortalmente branca.

CHALIMOV - (A Caléria) Está se divertindo ?

CALÉRIA - Não suporto essas coisa... Olha sô em volta. Tudo trepadeiras, que se levantam da lama pra me estrangular.

RIOUMINE - (A Wãrwara) Wãrwara Mikhailôvna, essa explosão de brutalidade e vulgaridade arrasou minha alma. Não posso mais. Vou desaparecer. Queria tanto passar uma noite tranquila com vocês a última. Mas vou partir, agora mesmo., para sempre. Seja feliz !

WARWARA - (Que não o escuta) Quer saber o que eu penso ? Que Souslov é o mais franco de nós todos. É, franco ! Acabou sendo insolente, eu sei, mas disse a verdade nua e crua.

RIOUMINE - É tua última palavra ? Voce não tem mais nada a me dizer ?  
Meus Deus ! (Corre pelo jardim)

BASSOV - Pois muito bem, meu caro amigo., foi um número excepcionalmente brilhante. Mas acho que chegou o momento de voce pedir desculpas, não é verdade ?

VLAS - Quem ? Eu ? Me desculpar - com essa gente aí ?

BASSOV - Alguma vergonha nisso ? Basta voce dizer ; eu só quiz fazer uma piada... Todos sabem muito bem que voce é um cômico.

VLAS - Por que voce não vai se fuder ? Voce é que é um, cômico, um palhaço de circo, isso é o que voce é !

BASSOV - Como é que voce se permite, seu boçal de merda !

WãRWARA - Serguei, pelo amor de Deus ! Vlas !

BASSOV - Eu não vou me deixar tratar dessa maneira por esse fedelho sem...

VLAS - Até minha irmã te desprezaa...

MARIA LWÔVNA - Vlas, controle-se !

BASSOV - Não ! Agora foi demais !

VLAS - Crápula ! (Os dois se batem. Mesas viram)

SACHA - Posso servir agora ?

WARWARA - Sai daí, Sacha, por favor, vai embora !

SACHA - Eu acho melhor servir agora. Serguei sempre se acalma quando vê comida. (Se ouve um tiro na floresta).

ZAMYSLOV - (A Sacha) Ei, voce, bora as mesas no lugar.

SACHA - Serguei, meu grande bebo, posso servir teu jantar ?

BASSOV - Não me pergunte nada. Não me pergunte nada. Não tenho mais nem o direito de falar em minha própria casa !

CHALIMOV - Não se irrite tanto assim, meu velho amigo. Encara as coisas com um grão de filosofia.

BASSOV - Estou morrendo de ódio. Um fedelho borrado, um malcriado...

(Bassov, Chalimov e Souslov se retiram para uma mesa)

SOUSLOV - Penso que devo me desculpar com voce. Ainda há pouco, quero crer, ultrapassei certas medidas... Mas essa santa senhora me irritou de tal maneira...

BASSOV - Compreendo. Eu te compreendo muito bem. Um ser humano tem que ter tato, senão não passa de um animal..

CHALIMOV - Voce, sem dúvida alguma, foi longe demais no seu estudo caracterilógico.

BASSOV - Esquece isso. Subscrive todas as palavras que ele pronunciou. E no que diz respeito a essa encantadora dama, o que eu gostaria mesmo era de...

SOUSLOV - As mulheres como se fazem de importantes ! Antes não. - atreviam a tais provocações. Não sei porque se espantam quando um dia a gente dá os gonços...

BASSOV - Viver em paz com uma mulher não é uma sinecura, infelizmente (Wárwara e Maria Iwóvna chegam, sem serem percebidas, e ficam escutando a conversa)

CHALIMOV - Uma mulher é uma criatura inozente e selvagem. É preiso educá-la com muito critério. É preciso ensiná-la, pouco a pouco, a falar, a se comportar devidamente....

BASSOV - É, voce tem razão. No fundo a mulher está mais perto do animal do que do homem. E para uma mulher ser uma verdadeira mulher é fundamental que o homem lhe imponha um despotismo delicado, mas enérgico. Um belo despotismo por que enérgico irresistivelmente belo.

SOUSLOV - O que a gente tem é que emprenhá-las permanentemente; só isso. É a maneira mais fácil de controlá-las.

WÁRWARA - Porcos !.. Vocês são uns porcos ignóbeis!

BASSOV - Mas, o que é que está acontecendo ? É, bem , Piotr, desta vez parece que voce exagerou mesmo...

MARIA LWÓVNA - Partamos , Wária! Vamos embora pra longe daqui !

BASSOV - Eu vou embora amanhã ! Já começa a fazer frio, já está um pouco úmido.

(POUSTOBAIKA e Kropilkine se aproximam carregando Rioumine. Estendem-no sobre uma mesa. Maria Lwóvna e Dudakov. Tratam do seu ferimento)

RIOUMINE - Um médico ! Um médico ! Em nome do céu, um médico!

CALÉRIA - Voce está ferido ? Quem foi que fez isso ?

POUSTOBAIKA - Quem é que a senhora pensa que foi ninguém. Foi ele mesmo.

RIOUMINE - Tenho vergonha estou profundamente envergonhado. Perdoem-me; devia ter apontado melhor. Mas quando se tem um coração pequeno e que late com muita força é difícil acertar.

MARIA LWÓVNA - Bem, não é nada grave. Só pegou o músculo.

DOUDAKOV - Como é que se atira no coração e se acerta no braço ? É aqui . à esquerda, ou no crânio , que se deve atirar se se pretende mesmo fazer a coisa a sério.

RIOUMINE - É. Eu falhei na vida e falhei na morte. Criatura lamentável.

YOULIA - Aí, está; ele tem toda razão.

ZAMYSLOV - Que vaudeville sinistro !

RIOUMINE - (A Wárwara) Me dá a tua mão. Eu te amo. Não posso viver sem voce.

VLAS - Ah! vai pro diabo com esse teu amor !

CALÉRIA - Como é que voce ousa bater na cara de um moribundo ?

BASSOV - Devemos carregá-lo pro teu quarto, Wária ?

RIOUMINE - Não é preciso. Eu posso andar.

BASSOV - Pode mesmo ? Ótimo.

POUSTOBAIKA - (A Doublepoint ) Eh, fui eu que encontrei o cavalheiro lá em baixo no...

DOUBLEPOINT - (lhe dá dinheiro) Some. Miserável.

CALÉRIA - Ele vai morrer. Eu adoraria estar no lugar dele.

CHALIMOV - (A Wárwara) Um acidente lamentável , não acha ? Se me permitir eu gostaria ...ainda agora. Voce ouviu por acaso...

WÁRWARA - Cale-se. É sórdido. Não quero ouvir mais nada. Eu o odeio...

VLAS - Deixa, Wária , eu tomo conta dele...Voce, com sua língua cheia de frases preparadas - eu lhe juro ; viva ... o-quanto viver sempre que puder exibirei em público a máscara atrás da qual voce oculta a sua mentira e a sua mediocridade, seu coração de gelo e sua estupidez.

MARIA LWÓVNA - Vlas, chega , é inútil !

WÁRWARA - Que os senhores e as senhoras presentes me escutem . Eu paguei caro demais o direito de, agora, dizer tudo. Tudo ! Vocês destruíram a minha vida, me asfixiaram. Eu era bem diferente , antes não tenho mais nenhuma energia, não tenho mais nada a viver... Eu era uma outra mulher , antigamente.

BASSOV - Agora chega , Wária. O que é que está acontecendo ? Tudo por causa de Rioumine , esse imbecil ?

WARWARA - Largue-me !

BASSOV - Minha amiga....

WARWARA - Eu jamais fui tua amiga. E voce jamais foi meu amigo. Nós fomos apenas marido e mulher. E agora não temos mais nada a fazer juntos. Somos estranhos...Eu parto.

BASSOV - Para onde ? ...Voce devia ter , vergonha , Wária. Diante de todo mundo, em público...

WARWARA - Vou embora. Vou viver. Fazer qualquer coisa ! Contra voce

DOUBLEPOINT - (A BassoV) Voce é um patife. E o pior é que nem percebe...

CALÉRIA - O que é que quer dizer isso ? O que é que vai acontecer agora.

MARIA LWÓVNA - Vem. Me ajuda.

VLAS - Vem conosco Caléria. Anda, vem !

CALÉRIA - Onde ? PRA onde ?

(Caléria , Vlas , Doublepoint e Maria Lwóvna amparam Wárwara. Partem)

A - Ah, se eu também pudesse ir.

DOUDAKOV - Vamos, Olga, vamos nós, agora.

OLGA - Ele vai morrer ?

DOUDAKOV - Não ! Ninguém morre. (Saem)

BASSOV - Ajude-me, por favor , ficaram todos loucos...

CHALIMOV - E o que é que voce pretende fazer ? Acalme-se, meu caro  
senta ai.

BASSOV - Voce não acredita que eles estejam falando a sério ...Acre-  
dita ? Está rindo de que ?

YOULIA - Bem. Pietr, ainda podemos viver um pouco ? Vemcomigo...

(Saem .Entre as mesas viradas, ficam sentadas BassoV e Chalimov.

Sózinhos)

CHALIMO - Tudo isso é tão sem importância...os homens e tudo que  
lhes acontece, tudo isso não significa nada. Me dá um pouco  
de vinho. Tudo isso não tem a menor importância, meu amigo.

F I M